RUMO A DAMASCO

AUGUST STRINDBERG

TRADUÇÃO DO INGLÊS: ELIZABETH R. AZEVEDO

(a partir da versão inglesa de Michael Meyer)

PERSONAGENS[1]

O DESCONHECIDO
A DAMA
O MENDIGO
O DONO DO CAFÉ
PRIMEIRO CONVIDADO DO FUNERAL
SEGUNDO CONVIDADO DO FUNERAL
O MÉDICO
A IRMÃ
UM LOUCO
UM CARREGADOR DE HOTEL
O FERREIRO
A MULHER DO MOLEIRO
O VELHO
A MÃE DA SENHORA
A ABADESSA
O CONFESSOR
PERSONAGENS MENORES E SOMBRAS

PARTE I
(1898)

CENAS

ATO I: Na esquina
Na casa do médico

ATO II: Um quarto de hotel
À beira mar
Na estrada
No desfiladeiro
Na cozinha

ATO III: O quarto rosa
O asilo
O quarto rosa
A cozinha

ATO IV: No desfiladeiro
Na estrada à beira-mar
O quarto de hotel

ATO V: Na casa do médico
A esquina

[1] Esta é alista efetiva de personagens. Ela difere consideravelmente da que consta na peça de Strindberg e que relaciona apenas **O DESCONHECIDO**, **A DAMA**, **O MENDIGO**, **O MÉDICO**, a Irma, **O VELHO**, **A MÃE**, **A ABADESSA**, o Confessor e "Personagens menores e Sombras". Não é, aliás, a única "Lista de Personagens" de Strindberg que difere da lista correta. (Nota do tradutor inglês).

ATO I
CENA 1
NA ESQUINA

UMA ESQUINA COM UM BANCO SOB UMA ÁRVORE. PORTAIS LATERAIS DE UMA IGREJA GÓTICA, UMA AGÊNCIA DO CORREIO E UM CAFÉ COM CADEIRAS NA CALÇADA. A AGÊNCIA DO CORREIO E O CAFÉ ESTÃO FECHADOS.

O SOM DE UMA MARCHA FÚNEBRE SE APROXIMA E DEPOIS SE PERDE NA DISTÂNCIA.

O DESCONHECIDO ESTÁ PARADO NA BEIRA DA CALÇADA PROCURANDO DECIDIR QUE CAMINHO DEVE TOMAR. O RELÓGIO DA IGREJA TOCA; PRIMEIRO QUATRO NOTAS, OS QUARTOS, NUM TOM AGUDO; DEPOIS, BATE TRÊS HORAS EM TOM GRAVE.

A DAMA ENTRA, SAÚDA O DESCONHECIDO COM A CABEÇA; VAI PASSAR POR ELE, MAS PÁRA.

O DESCONHECIDO

- Aí está você. Pensei que não viesse.

A DAMA

- Então, você me chamou? Sim, eu senti. Mas porque você está parado aqui, na esquina?

O DESCONHECIDO

- Não sei. Eu preciso ficar em algum lugar enquanto espero.

A DAMA

- O que você está esperando?

O DESCONHECIDO

- Se pelo menos eu soubesse. Durante quarenta anos eu tenho esperado por alguma coisa. Acho que se chama felicidade, ou deve ser apenas o fim do sofrimento. Ouça; aquela música fúnebre de novo. Ouça! Não vá. Por favor, não vá, eu ficarei com medo se você for.

A DAMA

- Nós nos encontramos ontem pela primeira vez. Falamos a sós por quatro horas. Eu sinto muito por você, mas isso não significa que você possa se aproveitar da minha bondade.

O DESCONHECIDO

- É verdade. Eu não deveria. Porém eu peço: não me deixe sozinho. Eu sou estranho na cidade, não tenho amigo, e as poucas pessoas que eu conheço são piores do que estranhos – são quase inimigos.

A DAMA

- Inimigos por toda parte, sozinho em todo lugar. Por que você abandonou sua mulher e seu filho?

O DESCONHECIDO

- Se pelo menos eu soubesse. Se eu soubesse, pelo menos, por que eu existo, porque estou aqui, para onde eu devo ir, o que devo fazer. Você acha que algumas pessoas estão amaldiçoadas antes mesmo de morrer?

A DAMA

- Não, eu não acho.

O DESCONHECIDO

- Olhe para mim

A DAMA

- Você nunca encontrou a felicidade na vida?

O DESCONHECIDO

- Não. E quando eu pensei que tivesse, era apenas um truque para me tentar a prolongar meu tormento. Toda vez que o fruto dourado caía na minha mão, estava sempre envenenado ou podre.

A DAMA

- Qual é sua religião?

O DESCONHECIDO
- Somente esta: quando a vida se torna insuportável, eu sigo meu caminho.

A DAMA
- Para onde?

O DESCONHECIDO
- Rumo à aniquilação. A consciência de que eu carrego a morte em minha mão me dá um incrível sentimento de poder.

A DAMA
- Santo Deus, você fala da morte como de um brinquedo.

O DESCONHECIDO
- Bem, a vida é um brinquedo – para nós, escritores. Eu nasci melancólico e ainda não sou capaz de levar nada a sério, nem mesmo meus sofrimentos. Há momentos em que até duvido de que a vida é mais real do que as coisas que escrevo. (**Ouve-se a marcha fúnebre, soam salmos; *De Profundis***) Eles voltaram. Por que eles precisam andar pelas ruas desse jeito?

A DAMA
- Você tem medo deles?

O DESCONHECIDO
- Não, mas eles me irritam, é um pensamento que já me ocorreu antes. Eu não temo a morte. Só a solidão. Pois quando se está só há sempre mais alguém. Eu nunca sei se sou eu mesmo ou outra pessoa; mas na solidão nunca se está só. O ar engrossa, começa a brotar, criar coisas que você não vê mas que estão lá, e vivas.

A DAMA
- Você percebeu?

O DESCONHECIDO
- Sim. Eu tenho notado tudo ultimamente. Não apenas coisas e incidentes, formas e cores... agora eu vejo pensamentos e o que as coisas significam. A vida costumava ser um grande nonsense. Agora ela tem um sentido, e eu vejo um propósito no que antes eu via apenas um jogo do acaso. Então quando eu te encontrei ontem, pensei que você tivesse sido enviada para me salvar ou para me destruir.

A DAMA
- Por que eu te destruiria?

O DESCONHECIDO
- Porque é o seu destino

A DAMA
- Eu não quero te destruir. Eu tenho pena de você. Nunca tinha visto antes alguém cuja simples aparência me fizesse chorar. O que te pesa na consciência? Você fez alguma coisa que não tenha sido descoberta, ou punida?

O DESCONHECIDO
- Você tem razão de perguntar. Eu não tenho mais crimes em minha consciência do que qualquer um que esteja livre. Sim, uma coisa. Não estive disposto a ser um joguete da vida.

A DAMA
- A gente deve se deixar enganar em alguma medida para poder viver.

O DESCONHECIDO
- Parece ser quase uma obrigação, uma da qual eu ficaria feliz de ser isento. Ou deve haver alguns outros segredos na minha vida, dos quais eu não sei nada. Há uma história na minha família de que eu sou um changeling.[2]

A DAMA
- O que é isso?

O DESCONHECIDO
- Uma criança que provavelmente foi deixada em troca de um humano.

[2] Changeling – criança trocada pelas fadas ao nascer; feia, boa ou de mau gênio. N. da T.

A DAMA
- Você acredita?
O DESCONHECIDO
- Não. Mas pode ser que haja alguma verdade nisso. Quando eu era criança, eu chorava constantemente e sentia que não pertencia a esta vida. Odiava meus pais tanto quanto eles a mim. Me ressentia com as disciplina e as convenções. Ansiava somente pela floresta e pelo mar.
A DAMA
- Você sempre teve visões?
O DESCONHECIDO
- Nunca. Mas senti muitas vezes que dois poderes regulavam minha vida. Um me dá tudo o que quero, enquanto o outro fica ali e macula toda dádiva com sujeira. Então as coisas se tornam imprestáveis e eu não quero mais tocá-lo. Eu tive tudo o que quis nessa vida, e tudo pareceu imprestável.
A DAMA
- Você teve tudo e ainda está descontente?
O DESCONHECIDO
- É o que eu chamo ser amaldiçoado.
A DAMA
- Não blasfeme! Mas por que você não procura por alguma coisa além dessa vida, num lugar onde não haja torpeza?
O DESCONHECIDO
- Porque eu nunca acreditei em nada fora dela.
A DAMA
- E as fadas?
O DESCONHECIDO
- Oh, isso é só uma fantasia. Nós podemos sentar?
A DAMA
- Está bem. Mas pelo que você está esperando?
O DESCONHECIDO
- Realmente, pela abertura da agencia do correio. Há uma carta que sempre me procura sem nunca me encontrar (**Eles se sentam**) Me fale um pouco de você.
A DAMA (**Começa a tricotar**)
- Não há nada a dizer.
O DESCONHECIDO
- É estranho, mas eu gosto de pensar em você como alguém sem nome. Eu só sei o seu sobrenome. Eu gostaria de eu mesmo te dar um nome. Deixe-me pensar. Como posso chamar você? Sim, vou te chamar de Eva. (**Com um gesto para os portais**) Trombetas! (**Ouve-se a marcha fúnebre**) Essa marcha fúnebre de novo! Eu devote dar um a idade também, porque eu não sei quantos anos você tem. Você tem trinta e quatro – o que significa que você nasceu em 1864, e uma personalidade, porque não sei que tipo de pessoa você é. Bom, eu acho. Sua voz é como a da minha falecida mãe. Quero dizer, minha idéia de mãe... minha mãe real nunca me beijou, mas me lembro de que me bateu. Fui criado no ódio. Ódio... olho por olho, dente por dente. Esta vendo esta cicatriz na minha testa? Meu irmão a fez com um machado porque eu arranquei um dente dele com uma pedra. Eu não fui ao funeral de meu pai porque ele me expulsou do casamento da minha irmã. Além disso eu nasci ilegítimo; o filho de um falido, enquanto a família estava de luto por um tio que se suicidara. Agora você já conhece minha família. Como a árvore, assim é o fruto. Consegui, com dificuldade, escapar a quatorze anos de trabalhos forçados. Portanto, senão feliz, acho que devo ser realmente agradecido aos poderes.
A DAMA
- Eu gosto de ouvir você falar, mas você não deve se meter com eles; por favor.

O DESCONHECIDO
- Para ser honesto eu não acredito neles, ainda que sempre voltem à minha mente. Você não acha que eles são lamas perdidas que falharam em encontrar a paz? Pois eu acho. Então eu devo ser um também. Uma vez pensei que encontraria a paz através de uma mulher. Mas acabou sendo o pior inferno de todos.
A DAMA
- Você diz coisas muito estranhas. É, você é uma lama perdida. Mas ainda vai encontrar a paz.
O DESCONHECIDO
- Através do som dos sinos e da água benta? Eu tentei. Mas era como quando o Diabo vê um crucifixo. Falemos de você.
A DAMA
- Não é preciso. Nunca o acusaram de usar mal seu talento?
O DESCONHECIDO
- Já fui acusado de tudo. Nenhum homem foi tão odiado e tão solitário. Eu parti só, e cheguei só. Quando eu chegava num lugar público, as pessoas fugiam de mim. Quando eu queria alugar um quarto, tudo sempre estava lotado. Os padres me amaldiçoam em seus púlpitos; os professores, em suas plataformas; meus pais, na minha casa. Uma vez o comitê da igreja tentou tirar meus filhos de mim. Eu ergui meu punho contra o céu e reneguei Deus.
A DAMA
- Por que você é tão odiado?
O DESCONHECIDO
- Não sei. Sim... não posso ver as pessoas sofrendo. E eu digo isso, e escrevo: "Libertem-se e eu os ajudarei." Eu digo para os pobres: "Não se deixem explorar pelos ricos." Para as mulheres: "Não se deixem subjugar pelos homens." E – o que eu acho deve ser o pior – digo para az crianças: "Não obedeçam a seus pais quando eles forem injustos." O resultado foi que todos se uniram contra mim, ricos e pobres, homens e mulheres, pais e filhos. Tornei-me doente, pobre, miserável, desonrado, divorciado, denunciado, exilado, sozinho, e agora... Você acha que sou louco?
A DAMA
- Não.
O DESCONHECIDO
- Você é a única que não acha.
A DAMA (**Levanta-se**)
- Preciso deixá-lo agora.
O DESCONHECIDO
- Você também!
A DAMA
- Você não pode ficar aqui.
O DESCONHECIDO
- Para onde devo ir?
A DAMA
- Para casa, trabalhar.
O DESCONHECIDO
- Não sou um trabalhador, sou um escritor
A DAMA
- Não quero te magoar, mas escrever é um dom que se pode perder. Não deixe que o privem dele.
O DESCONHECIDO
- Aonde você vai?
A DAMA
- Há algo que eu preciso fazer.
O DESCONHECIDO
- Você é religiosa

A DAMA
- Não sou.
O DESCONHECIDO
- Tanto melhor. Assim você pode vir a ser alguma coisa. Oh, eu gostaria de ser seu pai cego, que você levaria ao mercado para cantar, mas minha tragédia é que eu não posso envelhecer... é assim que acontece com as crianças deixadas pelas fadas, ela não envelhecem, somente ficam com cabeças enormes e gritam gostaria de ser o cachorro de alguém que eu pudesse seguir para nunca ficar sozinho... um pouco de comida de vez em quando, um chute de vez em quando, um agrado de vez em quanto, uma surra...
A DAMA
- Eu preciso ir agora. Adeus.
A DAMA (**Distraidamente**)
- Adeus.
(ELA O DEIXA SENTADO NO BANCO. ELE TIRA O CHAPÉU, ENXUGA A TESTA. DESENHA COM BASTÃO NA AREIA. ENTRA O MENDIGO. SUA APARÊNCIA É MUITO ESTRANHA. ELE VASCULHA A SARJETA.
O DESCONHECIDO
- O que você está revirando aí, mendigo?
O MENDIGO
- O que é que você está pensando? Eu não sou um mendigo. Além do mais não te pedi nada.
O DESCONHECIDO
- Desculpe-me. Não se deve julgar pelas aparências.
O MENDIGO
- Não, não se deve. Adivinhe quem eu sou.
O DESCONHECIDO
- Não me interessa.
O MENDIGO
- Como você pode saber de antemão? As pessoas nunca se interessam até que seja muito tarde; *Virtus post nummos*!
O DESCONHECIDO
- Você fala latim?
O MENDIGO
- Viu? Afinal você está interessado. *Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci*. Eu tive êxito em tudo o que fiz porque nunca me esforcei para nada. Eu me chamo Policrates, aquele com o anel. Tive tudo o que quis na vida. Mas nunca quis nada de verdade e, entediado com o sucesso, joguei meu anel fora. Agora estou velho, sinto falta dele e o procuro pelas sarjetas. E, se não cacho um anel de ouro, não desdenho uma bituca de cigarro.
O DESCONHECIDO
- Não tenho certeza se isso é sabedoria ou bobagem.
O MENDIGO
- Nem eu.
O DESCONHECIDO
- As pessoas nunca se interessam até – não, maldição, você está me transformando num papagaio. É tão mau quanto apanhar a bituca do cigarro de outro homem. Fora!
O MENDIGO (**Erguendo o chapéu**)
- E você não quer a minha?
O DESCONHECIDO
- O que é essa cicatriz na sua testa?
O MENDIGO
- Ganhei de um parente próximo.

O DESCONHECIDO
- Agora você está me assustando. Será que eu poderia vê-lo e tocá-lo se você fosse real? (Toca no braço do Mendigo) Sim, você é real. Consentiria, meu caro senhor, em aceitar uma moedinha em troca da promessa de procurar o anel de Policrates em outra freguesia? *Post nummos virtus* – não, lá vou eu de novo. Fora!

O MENDIGO
- Eu irei. Mas você me deu demais. Tome três-quartos de volta. Então é só um empréstimo entre amigos.

O DESCONHECIDO
- Eu sou seu amigo?

O MENDIGO
- Pelo menos eu sou seu. E quando um homem está sozinho no mundo, ele não pode ser muito seletivo.

O DESCONHECIDO
- Você se ofenderia se eu dissesse que isso é um atrevimento?

O MENDIGO
- De jeito nenhum, de jeito nenhum. Quando nós nos encontramos de novo, terei um apelido para você. (**Sai**)

O DESCONHECIDO (**Senta e desenha com o bastão**)
- Tarde de domingo. Longa, cinza, melancólica tarde de domingo. Todos dirigindo seus assados, repolhos e batatas cozidas. O Velho dorme, o jovem fuma e joga xadrez – os empregados foram para a reza da noite e as lojas estão fechadas. Oh, essa longa, mortífera tarde; dia de descanso, quando o pulso cessa de bater, quando é tão impossível encontrar um rosto amigo quanto ir a um bar...

(A DAMA ENTRA. ELA USA UMA FLOR NO DECOTE.)

O DESCONHECIDO
- Olá. Hoje não posso abrir boca sem passar por mentiroso.

A DAMA
- Você ainda está sentado aqui?

O DESCONHECIDO
- E o que importa onde eu desenho na areia, aqui ou lá, contanto que eu desenhe na areia?

A DAMA
- O que você está escrevendo? Deixe-me ver.

O DESCONHECIDO
- Parece que escrevi: Eva, 1864. Não pise.

A DAMA
- O que aconteceria?

O DESCONHECIDO
- Má sorte. Para você e para mim.

A DAMA
- Você acha?

O DESCONHECIDO
- Sim, e também acho que a flor que você está usando no decote é uma mandrágora. Simboliza malícia e injúria; acho que é usada como remédio para curara a loucura. Você vai me dar?

A DAMA (**Hesitando**)
- Como remédio?

O DESCONHECIDO
- Claro. Você leu os meus livros?

A DAMA
- Você sabe que sim; e quero agradece por ter-me mostrado a liberdade e a crença nos direitos e dignidades humanos.

O DESCONHECIDO
- Então não leu meu último livro.
A DAMA
- Não. E se for diferente dos primeiros, nem quero.
O DESCONHECIDO
- Prometa-me que nunca mais abrirá um de meus livros
A DAMA
- Deixe-me pensar primeiro. Está bem, eu prometo.
O DESCONHECIDO
- Ótimo. Mas não quebre essa promessa. Lembre-se da mulher do Barba Azul que, tentada pela curiosidade, abriu o quarto proibido.
A DAMA
- Você já está começando a falar como um Barba Azul. Esqueceu que sou casada, que meu marido é médico e admira seu trabalho, e portanto sua casa permanece aberta para quando você desejar entrar?
O DESCONHECIDO
- Fiz o possível para esquecer. Limpei de minha cabeça de tal maneira que deixou de seu uma realidade para mim.
A DAMA
- Nesse caso, quer vir para casa comigo?
O DESCONHECIDO
- Não. Quer vir para casa comigo?
A DAMA
- Onde?
O DESCONHECIDO
– Em qualquer lugar. Eu não tenho casa. Dinheiro, às vezes, muito raramente. É a única coisa que a vida não negou em dar, talvez porque eu jamais o quisesse realmente.
A DAMA
- Hm!
O DESCONHECIDO
- No que você está pensando?
A DAMA
- Estou surpresa por não estar ofendida com seu senso de humor.
O DESCONHECIDO
- Humor e seriedade são a mesma coisa para mim. Ah! O órgão começou a tocar, quer dizer que os cafés vão abrir.
A DAMA
- É verdade que você bebe?
O DESCONHECIDO
- Muito. O vinho ajuda minha alma a viver nesta cela. Escapo para o espaço, vejo o que os homens não viram e escuto o que nenhum outro ouviu...
A DAMA
- E no dia seguinte?
O DESCONHECIDO
- Tenho lindas crises de consciência, um sentimento libertados de culpa e remorso, um prazer no tormento do corpo enquanto minha alma paira, como fumaça, sobre minha cabeça. É como um limbo entre a vida e a morte; quando o espírito sente que pode esticar suas asas e voar se quiser.
A DAMA
- Venha um pouco comigo até a igreja. Não precisa ouvir o sermão, só escutar a música das vésperas.

O DESCONHECIDO
- Não, na igreja não. Ela me faz sentir sujo, sentir que não é meu lugar, ainda mais porque não posso voltar as ser criança.
A DAMA
- Você já está se sentindo assim?
O DESCONHECIDO
- É o máximo que consigo ir. Parece-me como se eu tivesse sido cortado em pedaços no caldeirão de Medéia, sendo fervido lentamente. Devo me dissolver até o anda ou renascer renovado. Tudo depende da perícia de Medéia.
A DAMA
- Você fala como um oráculo. Não poderia voltar a ser criança novamente?
O DESCONHECIDO
- Comecei já no berço. Deveria ter sido a criança certa numa época.
A DAMA
- Exatamente. Mas espere um enquanto eu vou à capela de Santa Elizabeth. Se o café abrir não beba, estou pedindo. Felizmente está fechado.
(O DESCONHECIDO SENTA-SE NOVAMENTE E DESENHA NA AREIA. SEIS HOMENS ENLUTADOS VESTIDOS DE MARROM ENTRAM JUNTO COM OS CONVIDADOS DO FUNERAL. UM CARREGA UM ESTANDARTE COM A INSÍGNIA DA GUILDA DOS CARPINTEIROS, E CREPE MARROM. OUTRO, UM MACHADO GRANDE DECORADO COM GALHOS DE ESPRUCE [3]; UM TERCEIRO CARREGA UMA ALMOFADA COM UM MARTELO DE LEILOEIRO. ELES PARAM DO LADO DE FORA DO CAFÉ E ESPERAM)
O DESCONHECIDO
- Desculpem-me. De quem era o funeral?
PRIMEIRO CONVIDADO
- De um carpinteiro (**faz o barulho de relógio**)
O DESCONHECIDO
- Um carpinteiro de verdade? Ou um tipo de inseto que vive na paredes e faz tic-tac?
SEGUNDO CONVIDADO
- Ambos. Porém mais o inseto. Como você disse que se chama?
O DESCONHECIDO (**Para ele mesmo**)
- Patife. Está tentando me tapear imitando um besouro de velório. Mas eu vou dizer outra cosa para aborrecê-lo. (Alto) Quer dizer um ourives?
SEGUNDO CONVIDADO
- Não, não quis dizer isso. (**Faz novamente o som de tic-tac**)
O DESCONHECIDO
- Você está querendo me assustar? Ou o defunto está operando milagres? Eu não tenho medo e não acredito em milagres. Estranho, todavia, que vocês enlutados estejam vestidos de marrom. Por que não de preto? É barato, bonito e prático.
TERCEIRO CONVIDADO
- Para nossos olhos tolos é preto, mas se Sua Excelência determinar, é marrom.
O DESCONHECIDO
- Vocês são um grupo estranho, e eu sinto um desconforto que gostaria de atribuir ao vinho que bebi a noite passada. Mas se eu disser que são galhos de espruce em torno do machado, suponho que vocês me diriam que eles são... bom, o que são eles?
PRIMEIRO CONVIDADO
- Estes são galhos de videira.
O DESCONHECIDO
- Teria apostado que não eram galhos de espruce. Vejam, o café está aberto. Finalmente.

[3] Espruce – Planta da família das pináceias, espontânea na Europa Central e Setentrional. É uma espécie de abeto cuja madeira é aproveitada em marcenaria.

(O CAFÉ ESTÁ ABRINDO. O DESCONHECIDO SENTA-SE À MESA E SERVE-SE DE VINHO. OS CONVIDADOS SENTAM-SE EM MESAS VAZIAS)

O DESCONHECIDO

- Vocês devem ter ficado felizes por se livrarem de seu falecido companheiro, já que correm para molhar a garganta.

PRIMEIRO CONVIDADO

- Bom, ele não valia nada. Não levava a vida a sério.

O DESCONHECIDO

- E bebia, sem dúvida.

SEGUNDO CONVIDADO

- Bebia.

TERCEIRO CONVIDADO

- E deixou para os outros sustentar sua mulher e seu filho.

O DESCONHECIDO

- Ah, isso foi uma fraqueza da parte dele. Mas sem dúvida disseram lindas palavras sobre seu caixão. Vocês se importariam de não empurrar minha mesa enquanto estou bebendo?

PRIMEIRO CONVIDADO

- Tenho direito quando estou bebendo

O DESCONHECIDO

- Quando você está, sim. Há uma grande diferença entre mim e você.

(OS ENLUTADOS MURMURAM. O MENDIGO ENTRA)

O DESCONHECIDO

- Olá, aí está o Mendigo fuçando de novo

O MENDIGO (**Senta-se à mesa**)

- Chefe! Uma garrafa de vinho branco!

DONO DO CAFÉ (**Vem com um documento**)

- Fora! Não vai conseguir nada aqui. Você não pagou seus impostos. Aqui está o seu prontuário, seu nome, sua idade e seu caráter.

O MENDIGO

- *Omnia serviliter pro dominatione*. Eu sou um homem livre, com educação universitária e recusei-me a pagar impostos porque não desejo me engajar na sociedade. Uma garrafa de vinhos branco.

DONO DO CAFÉ

- Se você não sumir daqui, vai ganhar uma estadia grátis na cadeia.

O DESCONHECIDO

- Será que vocês dois não podem resolver essa questão em outro lugar? Estão incomodando a freguesia.

DONO DO CAFÉ

- Quero você como testemunha de que estou agindo dentro da lei...

O DESCONHECIDO

- Acho a coisa toda uma idiotice. Será que um homem não pode aproveitar os pequenos prazeres da vida só porque ele não pagou os impostos?

DONO DO CAFÉ

- Já vi tudo! Você é um desses que andam por aí dizendo ao povo que esqueçam suas responsabilidades.

O DESCONHECIDO

- Não, isso já é ir longe demais. Você sabe que eu sou famoso?

(O DONO DO CAFÉ E OS ENLUTADOS RIEM)

DONO DO CAFÉ

- Famoso, mas que nada! Espere um pouco. Deixe eu ver. Esta descrição pode servir. (**Lê o documento**) Trinta e oito anos de idade, cabelo castanho, olhos azuis, sem ocupação definida, abandonou a mulher e os filhos, tem posição subversiva sobre questões sociais e dá a impressão de não estar de posse de seus sentidos. Não se ajusta?

O DESCONHECIDO (**Levanta pálido e aniquilado**)
- O que é isto?
DONO DO CAFÉ
- Deus me ajude, mas isto serve.
O MENDIGO
- Talvez seja ele e não eu.
DONO DO CAFÉ
- Parece mesmo. Agora, por que você não se manda?
O MENDIGO (**para o Desconhecido**)
- É melhor a gente ir.
O DESCONHECIDO
- A gente? Isso está parecendo uma conspiração.
(O SINO DA IGREJA TOCA. O SOL ATRAVESSA A ROSÁCEA COLORIDA, ACIMA DA PORTA DA IGREJA, QUE SE ABRE REVELANDO SEU INTERIOR. MÚSICA DE ÓRGÃO: AVE MARIS STELLA.)
A DAMA (**Sai da igreja**)
- Onde você está, o que está fazendo? Por que me chamou de novo? Será
que precisa ficar agarrado à barra da saia de uma mulher como se fosse uma criança?
O DESCONHECIDO
- Sim, agora estou com medo. Estão acontecendo coisas aqui que não podem ser explicada de forma natural.
A DAMA
- Pensei que você não tivesse medo de nada, nem mesmo da morte.
O DESCONHECIDO
- Da morte não. Mas de outras coisas. Do Desconhecido.
A DAMA
- Escute, meu amigo. Dê-me sua mão que eu vou levá-lo ao Médico. Você está doente. Venha.
O DESCONHECIDO
- Talvez. Mas primeiro me diga uma coisa. Isto tudo é um carnaval, ou essas pessoas são reais?
A DAMA
- Elas parecem reais...
O DESCONHECIDO
- Mas, o Mendigo... É uma criatura horrível. Ele se aprece mesmo comigo?
A DAMA
- Se você continuar bebendo vai acabar como ele. Vá até o correio e pegue sua carta. Depois venha comigo.
O DESCONHECIDO
- Não, não quero ir ao correio. Provavelmente é uma convocação.
A DAMA
- Mas suponha que não seja?
O DESCONHECIDO
- Seria uma má notícia.
A DAMA
- Como você achar melhor, mas ninguém escapa de seu destino. Sinto como se poderes tivessem conferenciado sobre nós e decidido nosso destino.
O DESCONHECIDO
- Você também? Sabe, eu cabo de ouvir o bater do martelo, as cadeiras arrastadas e os empregados gritando. Que tortura! Não, eu não quero ir com você.
A DAMA
- O que você me fez? Quando entrei nessa capela, nem podia rezar. Uma vela se apagou no altar e um vento gelado soprou no meu rosto quando ouvi você me chamar.

O DESCONHECIDO
- Eu não chamei você, só a desejei.
A DAMA
- Você não é a criança fraca que quer parecer. Seu poder é extraordinário. Tenho medo de você.
O DESCONHECIDO
- Quando estou sozinho sou fraco como um paralítico, mas quando me ligo a alguém fico forte. Agora quero ser forte, então vou com você.
A DAMA
- Talvez você possa me livrar do meu ogro.
O DESCONHECIDO
- Existe isso?
A DAMA
- Eu o chamo assim.
O DESCONHECIDO
- Está bom. Vou com você; lutar contra trolls[4], libertar a princesa, matar os ogros... isto é que é viver!
A DAMA
- Venha, meu libertador!
(ELA TIRA O VÉU, BEIJA-O RAPIDAMENTE NA BOCA E SAI APRESSADAMENTE. O DESCONHECIDO PERMANECE POR UM MOMENTO CONFUSO E ESTUPEFATO. UM CORO DE VOZES FEMININAS AGUDÍSSIMAS, QUE PARECEM GRITOS, VEM DA IGREJA. A ROSÁCEA ATÉ ENTÃO ILUMINADA SE PAGA; A ÁRVORE SOBRE O BANCO SE AGITA. OS ENLUTADOS LEVANTAM DE SEUS LUGARES E OLHAM O CÉU COMO SE VISSEM ALGO INUSITADO E ALARMANTE. O DESCONHECIDO CORRE À PROCURA DA DAMA.)

CENA 2
NA CASA DO MÉDICO

UM PÁTIO FECHADO POR TRÊS FILEIRAS DE CASAS – SIMPLES DEPÓSITOS EM MADEIRA COM TELHADO E JANELAS PEQUENAS. À DIREITA, PORTAS DE VIDRO E UMA VARANDA. À ESQUERDA, ALÉM DAS JANELAS, UMA CERCA DE ROSAS E ALGUMAS COLMÉIAS. NO CENTRO DO PÁTIO HÁ UM PILHA DE MADEIRA, FORMANDO UMA CÚPULA ORIENTAL, AO LADO DELA UM POÇO. SOBRE O CENTRO DA PAREDE DO MEIO SURGE A COPA DE UMA NOGUEIRA. NO CANTO DA DIREITA HÁ UM PORTÃO QUE LEVA AO JARDIM. PERTO DO POÇO HÁ UMA GRANDE TARTARUGA. À DIREITA, A PORTA DO PORÃO. UMA ESPÉCIE DE GELADEIRA E UMA LIXEIRA. FORA, A VARANDA COM CADEIRAS E MESAS.
A IRMÃ (**Vindo da varanda com um telegrama**)
- Tenho más notícias, irmão.
O MÉDICO
- E quando não tem?
A IRMÃ
- Dessa vez é pior! Ingeborg está voltando, adivinhe com quem?
O MÉDICO
- Espere um pouco. Eu sei; durante muito tempo pressenti que isso iria acontecer. Até desejei. Esse escritor... eu o admirei, aprendi com ele, queria ser como ele. Agora, você avisa que ele vem vindo? Onde Ingeborg o encontrou?
A IRMÃ
- Parece que na cidade. Provavelmente no salão literário que ela freqüenta.

[4] Trolls – Gigantes ou anões perversos e travessos. Na mitologia escocesa, um espírito maligno que habita as montanhas e é representado sob a forma humana.

O MÉDICO
- Sempre quis saber se esse homem seria um antigo colega de escola. O nome é o mesmo. Espero que seja – era um menino que tinha alguma coisa de funesto e, agora que é um homem, pode ter desenvolvido essa tendência.
A IRMÃ
- Não deixe que ele entre na sua casa. Saia, finja que precisa ver alguém
O MÉDICO
- Não. A gente não foge do destino.
A IRMÃ
- Você nunca se acovardou com nada. Vai se prostar diante disso que chama de destino?
O MÉDICO
- A vida me ensinou. Perdi muito tempo e esforço lutando contra o inevitável.
A IRMÃ
- Mas por que deixou que sua mulher andasse por aí, comprometendo-se e também a você?
O MÉDICO
- Você sabe por que. Porque quando a afastei de seus votos, prometi-lhe uma vida de liberdade, ao contrário daquela que ela achava que era uma prisão. De todo jeito, não a teria amado se ela me obedecesse, ou se eu pudesse controlá-la.
A IRMÃ
- Então você se tornou amigo de seu inimigo.
O MÉDICO
- Ora, ora!
A IRMÃ
- E você deixou que ela trouxesse para dentro de casa o homem que iria destruí-lo. Se soubesse quão infinitamente odeio esse homem!
O MÉDICO
- Eu sei, eu sei. Seu último livro é repugnante. Mas ele insinua que sofre de uma doença mental.
A IRMÃ
- Então eles devem tê-lo mandado embora.
O MÉDICO
- Algumas pessoas dizem que sim, mas não acho que tenham ido tão longe.
A IRMÃ
- Isso porque você é um pouco excêntrico também e tem uma mulher que é louca varrida.
O MÉDICO
- Não posso abandonar essa gente louca que sempre exerceu uma estranha atração sobre mim. Pelo menos, a excentricidade nunca é banal**. (Ouve-se o apito de um barco a vapor**) O que é isso? Alguém gritou!
A IRMÃ
- Você está nervoso. É só o vapor...Eu peço, vá!
O MÉDICO
- Acho que eu gostaria.. mas não posso. Sabe, parado aqui posso ver o retrato no meu gabinete. E a luz do sol cria sombras que o fazem parecer... é horrível! Você vê com o que ele parece?
A IRMÃ
- Parece-se com um demônio! Vá embora!
O MÉDICO
- Não posso.
A IRMÃ
- Pelo menos defenda-se...

O MÉDICO
- Eu me defendo. Mas dessa vez parece como uma tempestade que se aproxima. Quantas vezes não desejei fugir, mas fui incapaz! É como se a terra fosse de ferro e eu um ímã. Se acontecer algum desastre não será por minha vontade. Acabaram de passar pelo portão.
A IRMÃ
- Não escuto nada.
O MÉDICO
- Mas eu, eu os ouço. E agora também os vejo. É ele, meu antigo colega de escola. Uma vez, ele fez uma coisa na escola... pela qual eu fui repreendido e punido. Ele ganhou o apelido de César; não sei por quê.
A IRMÃ
- E esse homem...
O MÉDICO
- É, assim é a vida. César!
A DAMA (**Entra**)
- Boa tarde , marido. Tenho uma ótima surpresa para você.
O MÉDICO
- Já ouvi dizer. Ele é bem-vindo.
A DAMA
- Ele está no quarto de hóspedes se trocando.
O MÉDICO
- Está feliz com sua captura?
A DAMA
- Ele é, com certeza, a pessoa mais infeliz que já encontrei na minha vida.
O MÉDICO
- É o que dizem.
A DAMA
- É, ele sofre por toda a humanidade.
O MÉDICO
- Aposto. Vá até lá, irmã, e o traga até aqui. (**a Irmã sai**) Você teve um dia interessante?
A DAMA
- Sim, encontrei muita gente estranha. Você atendeu algum paciente?
O MÉDICO
- Não, o consultório esteve vazio a manhã toda. Parece que estou perdendo a prática.
A DAMA (**Com simpatia**)
- Sinto muito. Você não vai trazer lenha para dentro? Vai ficar úmida lá fora.
O MÉDICO (**Sem reprovação**)
- Eu sei. E eu deveria matar as abelhas e colher as frutas do jardim, mas não ligo para nada...
A DAMA
- Você está cansado.
O MÉDICO
- Cansado de tudo.
A DAMA (**Sem rancor**)
- Você tem uma mulher ruim, que não pode ajudá-lo em nada.
O MÉDICO (**Gentilmente**)
- Você não deveria dizer essas coisas, quando eu mesmo não digo.
A DAMA (Virando-se para a varanda)
- Ele está aí.
(O DESCONHECIDO ENTRA, VESTIDO MAIS JOVIALMENTE DO QUE NA PRIMEIRA CENA. ELE VEM DA VARANDA COM UMA TRANQÜILIDADE FORÇADA; PARECE QUE RECONHECE O MÉDICO, RETRAI-SE E CAMBALEIA, MAS SE RECOMPÕE.)

O MÉDICO
- Bem vindo à minha casa.
O DESCONHECIDO
- Obrigado.
O MÉDICO
- Você trouxe bom tempo. Nós precisávamos...Tem chovido há seis semanas...
O DESCONHECIDO
- Não seriam sete? Geralmente chove durante sete semanas antes do dia St. Swithin. Mas, eu me esqueci, ainda não é o dia. Como eu sou estúpido. Hm!
O MÉDICO
- Temo que nossa vida simples, de cidade pequena, vai parecer chata para você que está acostumado com as diversões da capital.
O DESCONHECIDO
- Oh, não... Estou tão pouco em casa lá como aqui. Desculpe perguntar, mas já não nos encontramos antes? Quando éramos moços?
O MÉDICO
- Nunca.

(A DAMA SENTA-SE À MESA E TRICOTA.)

O DESCONHECIDO
- Tem certeza?
O MÉDICO
- Certeza. Tenho seguido sua careira literária desde o início e, como minha mulher deve ter-lhe dito, com grande interesse. Então, se já o tivesse encontrado eu teria me lembrado, pelo menos do seu nome. De todo jeito... agora pode ver como vive um médico do interior.
O DESCONHECIDO
- Se você soubesse como os assim chamado libertados vivem, não os invejaria.
O MÉDICO
- Posso imaginar... Eu vejo como as pessoas amam as correntes que as prendem. Talvez seja tão comum por ter de ser mesmo assim.
O DESCONHECIDO (**Escutando**)
- Estranho, quem está tocando piano na sala ao lado?
O MÉDICO
- Não sei quem possa ser. Você sabe Ingeborg?
A DAMA
- Não.
O DESCONHECIDO
- É Marcha Fúnebre de Mendelssohn. Ela me segue por toda parte. Não sei se está só na minha cabeça ou...
O MÉDICO
- Você tem alucinações sonoras?
O DESCONHECIDO
- Alucinações não, mas pequenas coisas que realmente aconteceram me perseguem. Vocês não estão ouvindo?
A DAMA E **O MÉDICO**
- Claro que sim.
A DAMA
- E é Mendelssohn.
O MÉDICO
- Ele está na moda.
O DESCONHECIDO
- Sim, eu sei, mas que alguém esteja tocando isso justamente agora, aqui... (**Levanta-se**)

O MÉDICO
- Fique tranqüilo, eu vou ver o que é. (**Sai pela varanda**)
O DESCONHECIDO (**para a Dama**)
- Estou sofrendo aqui. Não posso passar nenhuma noite sob esse teto. Seu marido parece um ogro, e na presença dele você virou uma estátua de sal. Um assassinato já foi cometido nesta cassa. Há fantasmas aqui. Vou embora assim que tiver uma chance
O MÉDICO (**Vindo de fora**)
- A carteira está tocando.
O DESCONHECIDO (**Nervosamente**)
- Oh. Está bem, então. O senhor tem uma casa muito estranha, Doutor. Tudo é incomum. A pilha de lenha, por exemplo.
O MÉDICO
- É. Pegou fogo duas vezes...
O DESCONHECIDO
- Que horror. Mas você ainda a deixa ali?
O MÉDICO
- Sim, justamente por isso. E este ano eu a aumentei mais seis pés. É também porque ela faz sombra no verão. Como a abóbora de Jonah. Mas quando vem o outono ela vai para a tulha...
O DESCONHECIDO (**Olha em torno**)
- E você tem rosas de Natal – que florescem no verão. Onde foi que as conseguiu? Tudo aqui acontece como se o tempo andasse para trás.
O MÉDICO
- Ah, elas. Bom, eu tenho um paciente aqui que é um pouco perturbado mentalmente.
O DESCONHECIDO
- Aqui na casa?
O MÉDICO
- Sim, mas ele é calmo. Ele simplesmente medita sobre a falta de objetividade da Natureza, e acha que é estupidez que rosas de Natal congelem na neve, então ele as põe no galpão e as planta durante a primavera.
O DESCONHECIDO
- Você tem um louco em casa. Que desagradável.
O MÉDICO
- Ele é muito pacífico.
O DESCONHECIDO
- Como ele ficou louco?
O MÉDICO
- Quem sabe? Doenças mentais não são como doenças físicas.
O DESCONHECIDO
- Ele está... por aqui?
O MÉDICO
- O louco? Sim. Está passeando pelo jardim consertando o universo. Mas se ele o aborrece, nós podemos trancá-lo no porão.
O DESCONHECIDO
- Porque se permite que esses miseráveis vivam?
O MÉDICO
- Não se sabe se eles estão prontos...
O DESCONHECIDO
- Prontos para quê?
O MÉDICO
- Para o que se segue.
O DESCONHECIDO
- Nada segue à vida.

(PAUSA)

O MÉDICO

- Quem sabe?

O DESCONHECIDO

- É horrível aqui. Você tem cadáveres também?

O MÉDICO

- Tenho. Estão aqui na geladeira. Alguns belos pedaços e peças que eu devo colocar na mesa. (**Pega uma perna e um braço**) Veja.

O DESCONHECIDO

- Parece o castelo do Barbazul.

O MÉDICO (**Asperamente**)

- O que você quer dizer com isso? (**Olha repentinamente para a Dama**) Você acha que eu mato minhas mulheres? Hein?

O DESCONHECIDO

- Pelo amor de Deus, não; claro que não. Mas...vocês têm fantasmas aqui, não têm?

O MÉDICO

- Reconheço que temos! Pergunte para minha mulher.

(ELE PASSA PARA TRÁS DA PILHA DE LENHA ONDE NÃO PODE SER VISTO PELA DAMA E PELO DESCONHECIDO.)

A DAMA (**Para o Desconhecido**)

- Pode falar normalmente. Meu marido é um pouco surdo, se bem que possa ler lábios.

O DESCONHECIDO

- Então vou aproveitar para dizer que nunca tive uma meia hora mais torturante na minha vida. Ficamos aqui falando das coisas mais absurdas porque ninguém tem coragem de dizer o que está pensando. Estava num tal estado ainda agora que pensei em pegar a minha faca e cortar uma veia e me esvair; mas agora me sinto mais inclinado a falar francamente e arremessá-lo numa fogueira. Será que devemos dizer-lhe diretamente que pretendemos partir juntos e que você já se encheu da loucura dele?

A DAMA

- Se você falar assim vou acabar te odiando. É preciso agir sempre como um cavalheiro.

O DESCONHECIDO

- Você diz isso lindamente.

(O MÉDICO VOLTA À VISTA DELES. ELES CONTINUAM.)

O DESCONHECIDO

- Você vai partir comigo antes do sol baixar?

A DAMA

- Senhor...

O DESCONHECIDO

- Por que me beijou ontem?

A DAMA

- Senhor...

O DESCONHECIDO

- Imagine se ele pudesse nos ouvir! Ele parece tão dissimulado.

O MÉDICO

- Bem, Ingeborg, como vamos divertir nosso convidado?

A DAMA

- Nosso convidado não espera ser divertido. Não está acostumado com diversão.

(O MÉDICO ASSOBIA. O LOUCO VEM SENTAR-SE NO JARDIM. USA UMA COROA DE LOUROS NA CABEÇA E VESTE DE MANEIRA BIZARRA.)

O MÉDICO

- César! Venha aqui!

O DESCONHECIDO (**Perturbado**)
- O nome dele é César?
O MÉDICO
- Não, é um apelido que dei por causa de um garoto que ia à escola comigo...
O DESCONHECIDO (**Com dificuldade**)
- O que é isso?
O MÉDICO
- Uma história estranha. Mas eu fui repreendido
A DAMA (**Ao Desconhecido**)
- Quem já ouviu falar de uma criança destruída por causa disso?

(O DESCONHECIDO RECUA. O LOUCO ENTRA.)

O MÉDICO
- Venha e saúde o grande escritor.
O LOUCO
- Este é o grande escritor?
A DAMA (**Para o Médico**)
- Por que você tem de trazer o Louco para cá e aborrecer nosso convidado?
O MÉDICO
- Então, César, não seja grosseiro, ou vai apanhar.
O LOUCO
- Ele é César, certo, mas não é grande. Não sabe o que vem primeiro, o ovo ou a galinha. Porém eu sei.
O DESCONHECIDO (**Para a Dama**)
- Vou embora. Você me atraiu para uma emboscada, ou o quê? Logo ele vai acabar soltando as abelhas para me divertir.
A DAMA
- Você deve confiar irrestritamente em mim, apesar do que as coisas possam parecer. E não fale tão alto.
O DESCONHECIDO
- Mas ele nunca vai nos abandonar, esse ogro horrível. Nunca.
O MÉDICO (**Olha o seu relógio**)
- Bom, se você me desculpar, preciso visitar um paciente. Volto em uma hora; espero que você não se aborreça enquanto espera.
O DESCONHECIDO
- Estou acostumado a esperar o que nunca chega.
O MÉDICO (**Para o Louco**)
- César, seu canalha, venha aqui. Vou trancar você no porão (Sai com o Louco)
O DESCONHECIDO (**Para a Dama**)
- O que é isso? Quem me persegue? Você garante que seu marido é amistoso comigo. Acredito em você, mesmo assim ele não pode abrir a boca sem me ferir. Cada palavra dele é uma agulhada. E essa marcha fúnebre de novo... está sendo realmente tocada. E as rosas de Natal novamente. Por que tudo se repete? Mortos e mendigos e loucos e destinos humanos e lembranças de infância. Vão embora. Deixem-me libertá-los deste inferno.
A DAMA
- Por isso eu trouxe você aqui. E também por que ninguém seria capaz de dizer que você roubou a mulher de outro homem. Porém, eu preciso perguntar-lhe uma coisa. Posso confiar em você?
O DESCONHECIDO
- Quer dizer, nos meus sentimentos?
A DAMA
- Nós não falaremos sobre eles; nós os excluímos. E eles durarão enquanto durarem.
O DESCONHECIDO
- Quer dizer materialmente, então? Bem, tenho muito dinheiro que me é devido. Só preciso escrever ou mandar um telegrama...

A DAMA
- Então eu confio em você. Muito bem. (**Põe o tricô no bolso**) Passe pelo portão. Siga a cerca de lilases até encontrar o portão de madeira. Abra-o estará na estrada. E você se achará na estrada. Encontre-me na próxima vila.
O DESCONHECIDO (**Hesita**)
- Não gosto de portas do fundo. Preferiria enfrentá-lo abertamente...
A DAMA (**Com um gesto**)
- Corra!
O DESCONHECIDO
- Venha comigo.
A DAMA
- Muito bem. Mas então eu vou primeiro**. (Vira-se e manda um beijo da varanda**) meu pobre ogro!

ATO II
CENA 1
UM QUARTO DE HOTEL
O DESCONHECIDO. UM CARREGADOR. A DAMA.

O DESCONHECIDO (**Com uma mala na mão**)
- Vocês não têm outro quarto?
CARREGADOR
- Nenhum.
O DESCONHECIDO
- Mas eu não quero dormir nesse quarto.
A DAMA
- Eles não têm outro, querido, e todos os outros hotéis estão cheios.
O DESCONHECIDO (**Para o carregador**)
- Saia.
(A DAMA DEIXA-SE CAIR SOBRE UMA CADEIRA SEM TIRAR O CASACO OU O CHAPÉU.)
O DESCONHECIDO
- Você gostaria de alguma coisa?
A DAMA
- Sim. Que você me mate
O DESCONHECIDO
- Não entendo. Recusados em todos os lugares por não sermos casados; perseguidos pela polícia, acabamos nesse hotel, o último no mundo que eu teria escolhido... e esse quarto, número oito. Há alguém lutando contra mim. Há alguém.
A DAMA
- É o número oito.
O DESCONHECIDO
- Você também já esteve aqui antes?
A DAMA
- E você?
O DESCONHECIDO
- Já.
A DAMA
- Vamos embora daqui... para a rua, para a floresta, para qualquer lugar...
O DESCONHECIDO
- Bem que eu gostaria. Mas estou tão cansado quanto você, depois de toda essa caçada. Sabe, sinto que essa viagem deveria acabar aqui... Eu resisti, tentei ir para um outro lugar, mas os trens se

atrasavam, não vinham, e nós tivemos que vir para cá, para esse quarto. Isso é obra do diabo; mas nós nos enfrentaremos, ele e eu!

A DAMA

- Parece que nós nunca ficaremos em paz nesta terra.

O DESCONHECIDO

- É espantoso como nada mudou por aqui. A rosa de Natal permanentemente murcha... aqui está outra vez. E aquele quadro, o Hotel Breuer em Montreux, eu fiquei lá também.

A DAMA

- Você foi ao correio?

O DESCONHECIDO

- Estava esperando eu você perguntasse isso. sim, eu fui. em resposta a cinco cartas e três telegramas que eu mandei, havia só um telegrama, dizendo que meu editor viajou para o exterior por quinze dias.

A DAMA

- Então nós estamos acabados.

O DESCONHECIDO

- Bem arranjados.

A DAMA

- E em cinco minutos o carregador virá pedir nossos passaportes, e então o gerente pedirá para nós sairmos.

O DESCONHECIDO

- Então só restará uma coisa a fazer...

A DAMA

- Duas.

O DESCONHECIDO

- Mas a outra é impossível.

A DAMA

- Qual é a outra?

O DESCONHECIDO

- Ir para a casa de seus pais, no interior.

A DAMA

- Você continua lendo meus pensamentos.

O DESCONHECIDO

- Não podemos mais ter segredos um para o outro.

A DAMA

- Então, nossos sonho acabou.

O DESCONHECIDO

- Talvez.

A DAMA

- Vá e mande mais um telegrama.

O DESCONHECIDO

- Eu deveria mesmo, mas não posso fazer mais nada. Não acredito mais que meu trabalho tenha algum futuro. Alguma coisa me paralisou.

A DAMA

- E eu. Nós decidimos nunca falar do passado, mas nós o arrastamos conosco. Olhe o papel de parede. você vê a figura que essas flores formam?

O DESCONHECIDO

- Sim, é ele. Em todo lugar, em toda parte! Quantas vezes! Mas eu vi mais alguém na estampa da toalha de mesa! É real? Não , deve ser um engano. Logo estarei ouvindo novamente a marcha fúnebre, então tudo estará completo. (**Escutando**) Ouviu?

A DAMA

- Não estou escutando nada.

O DESCONHECIDO
- Então... vou embora.
A DAMA
- Para casa?
O DESCONHECIDO
- O último e pior recurso. Chegar como vagabundos, como mendigos.... não é impossível.
A DAMA
- Mas é... não, é demais. Chegar envergonhados e desonrados, fazendo-os sofrer. Ver você humilhado, e você a mim. Nunca mais teríamos respeito um pelo outro.
O DESCONHECIDO
- É verdade, seria pior do que a morte. Ainda assim sinto que de algum modo é inevitável. Eu começo a ansiar por isso, acabar com isso, como deve ser.
A DAMA (**Pega o tricô**)
- Mas eu não quero ser insultada na sua frente. Deve haver outro jeito. Se nós fossemos casados... poderíamos fazê-lo rapidamente, meu outro casamento não é completamente legal segundo as leis do estado em que foi realizado. Nós só precisamos ir e nos casar com o mesmo padre... mas isso é humilhante para você.
O DESCONHECIDO
- É como tudo mais. Esta lua-de-mel está começando a parecer uma peregrinação... ou desafio.
A DAMA
- Tem razão. Em cinco minutos o gerente virá e nos expulsará. O único jeito de terminar com essas humilhações é engolir o final. Quieto! Estou ouvindo passos.
O DESCONHECIDO
- Sinto que você está certa. Bom., estou pronto. Pronto para qualquer coisa, e já que não posso lutar contra o invisível, vou te mostrar como eu enfrento a coisa. Dê-me suas jóias... eu as resgatarei quando meu edito voltar, isso se ele não se afogar na banheira ou morrer num acidente de trem. Quando se é tão ambicioso quanto a honra, como eu sou, a primeira coisa que se deve estar disposto a sacrificar é a honra de alguém.
A DAMA
- Já que nós concordamos, você não acha que seria melhor nós partirmos voluntariamente? Oh, meu Deus! Aí vem ele. O gerente.
O DESCONHECIDO
- Vamos. O desafio dos garçons, das arrumadeiras, dos carregadores e do
porteiro... o rubor da vergonha e a palidez da ira. As feras da floresta têm suas tocas, mas nós precisamos ostentar nossa vergonha. Pelo menos abaixe seu véu.
A DAMA
- Isso é liberdade.
O DESCONHECIDO
- Eu sou o libertador. (**Partem**)

CENA 2
À BEIRA-MAR

UMA CABANA NUM PENHASCO PERTO DO MAR. FORA, UMA MESA COM CADEIRAS. O DESCONHECIDO E A DAMA VESTEM ROUPAS COLORIDAS E PARECEM MAIS JOVENS DO QUE NA CENA PRECEDENTE. A DAMA TRICOTA.

O DESCONHECIDO
- Três dias de paz e felicidade com minha mulher. E então a antiga inquietação retorna.
A DAMA
- Do que você tem medo?
O DESCONHECIDO
- De que isso não dure.

A DAMA
- Por que você pensa assim?
O DESCONHECIDO
- Não sei. Sinto que tem determinar, subitamente, horrivelmente. Há algo
de falso nesse sol brilhante e nessa calma. Sinto que essa felicidade não faz parte do meu destino.
A DAMA
- Mas tudo se resolveu. Meus pais aceitaram a situação, meu marido escreveu dizendo que ele compreende....
O DESCONHECIDO
- Qual a utilidade? Qual a utilidade? O fado tece sua teia, ouço novamente o martelo do leiloeiro bater, as cadeiras empurradas de volta para debaixo da mesa. A sentença pronunciada, mas ela deve ter sido decidida antes de eu nascer, pois tenho cumprido minha punição mesmo durante a infância. Não há um momento em minha vida que eu possa relembrar com alegria...
A DAMA
- Você teve tudo o que quis da vida.
O DESCONHECIDO
- Tudo. Mas esqueci de pedir ouro.
A DAMA
- Vai começar de novo?
O DESCONHECIDO
- Ficou surpresa?
A DAMA
- Silêncio!
O DESCONHECIDO
- Por que você sempre tricota? Parece uma das Parcas trançando essa lã entre os dedos. Não, não pare. A visão mais bonita que eu conheço é de uma mulher debruçada sobre seu trabalho, ou seu filho. O que é que você está tricotando?
A DAMA
- É um xale.
O DESCONHECIDO
- Parece uma rede de nervos e nós, ou seus pensamentos. Imagino que dentro do seu cérebro deva ser assim...
A DAMA
- Se eu tivesse a metade dos pensamentos que você acha que eu tenho. Porém eu não tenho nenhum.
O DESCONHECIDO
- Talvez seja por isso que eu me alegre aos seu lado. Acho você completa. Não posso imaginar a vida sem você. As nuvens se foram, o céu está azul, a brisa cálida.... sinta como ela toca os rosto! Isso é a vida; sim, agora estou vivo, bem agora! Sinto-me formidável e exagerado, purificado e infinito. Estou por toda parte, no mar que é meu sangue nas montanhas, que são meu esqueleto, nas árvores, nas flores. Minha cabeça toca o céu. Avisto universo que sou eu e sinto a energia do criador junto a mim. Eu sou o criador. Eu poderia tomar o globo nas minhas mãos e moldar algo mais completo, mais duradouro, mais belo. Poderia ver toda a criação feliz... nascida sem dor, vivendo sem pesar, e morrendo calma e alegremente. Eva, você morreria comigo, neste momento, pois num outro a agonia voltará?
A DAMA
- Não, eu não estou pronta para morrer.
O DESCONHECIDO
- Por quê
A DAMA
- Acho que ainda tenho algo a fazer. Talvez não tenha sofrido o bastante...
O DESCONHECIDO
- E você acha que é o propósito da vida?

A DAMA
- Parece ser. Mas, por favor, faça uma coisa por mim.
O DESCONHECIDO
- Sim?
A DAMA
- Não blasfeme como você acabou de fazer, não se compare a Deus. Quando o faz, me lembra de César trancado em seu porão lá em casa...
O DESCONHECIDO (**Perturbado**)
- César? Como você pode saber? Diga-me!
A DAMA
- Se eu te magoei, foi sem querer. Fui estúpida dizendo "em casa". Desculpe-me.
O DESCONHECIDO
- Você só pensava na blasfêmia quando relacionou César a mim?
A DAMA
- Sim.
O DESCONHECIDO
- É estranho. Acredito quando você diz que não quer me magoar. E mesmo assim você magoa; como todo mundo que eu encontro. Por quê?
A DAMA
- Por que você é super-sensível.
O DESCONHECIDO
- Vem você de novo. Você acha que eu sou paranóico?
A DAMA
- Juro que não pensei isso. Agora, os demônios da discórdia e da suspeita estão entre nós. Mande-os embora enquanto é tempo!
O DESCONHECIDO
- Não precisa dizer que eu blasfemo quando digo o que tantos outros disseram: "Veja, nós somos deuses!"
A DAMA
- Oh, é verdade; por que você não consegue se ajudar e a nós dois?
O DESCONHECIDO
- E eu não posso? Espere. Nós só começamos.
A DAMA
- Se o fim é igual ao começo, que os céus nos ajudem!
O DESCONHECIDO
- Eu sei do que você tem medo. Eu tinha uma surpresa guardada para você, mas não quero atormentá-la ainda mais**. (Tira uma carta registrada e selada**) Olhe.
A DAMA
- O dinheiro chegou!
O DESCONHECIDO
- De manhã. Quem pode me destruir agora?
A DAMA
- Não fale assim. Você sabe quem pode nos destruir.
O DESCONHECIDO
- Quem?
A DAMA
- Aquele que pune o orgulho humano.
O DESCONHECIDO
- E a coragem. Especialmente a coragem. Era meu calcanhar de Aquiles, tenho resistido a tudo exceto a essa maldita falta de dinheiro, o qual sempre me enganava.
A DAMA
- Desculpe minha pergunta, mas quanto foi que você recebeu?

O DESCONHECIDO
- Não sei, não a abri ainda. Mas eu sei aproximadamente quanto deve ser. Deixe-me ver. (**Abre a carta**) O que é isso? Sem dinheiro; só um aviso do banco dizendo que eu não tenho nada na minha conta. Será que está certo?
A DAMA
- Começo a acreditar no que você disse agora a pouco.
O DESCONHECIDO
- Que sou amaldiçoado? É.. Porém eu rebato minha danação de volta de onde ela veio. Você aí em cima! Eu O maldigo!
A DAMA
- Não! Você me assusta.
O DESCONHECIDO
- Tema-me se quiser, mas não me despreze. Agora o desafio está lançado, e você verá uma luta entre campeões**. (Abre o casaco e o colete e olha ameaçadoramente para cima**) Venha! Atinja-me com Seu raio, se Você ousar! Assuste-me com Seu trovão, se puder!
A DAMA
- Não fale assim!
O DESCONHECIDO
- Sim! Bem assim! quem ousa me acordar do meu sonho de amor? Quem arrebata o pão da minha boca, e a mulher dos meus braços? Poderes invejosos, sejam deuses ou demônios. Deuses pequeno-burgueses que respondem a um desafio honesto com alfinetadas pelas costas. Que recusam encontrar um homem em seu próprio campo, mas zombam dele com contas não pagas e se esgueiram pela porta dos fundos com armas honestas, porém vaiam e cospem; eu os desafio! Esses imensos poderes e senhores, eu os desafio!
A DAMA
- Que os Céus te perdoem!
O DESCONHECIDO
- O céu ainda está azul e mudo, o mar azul e tolo. Rápido, ouço um poema vindo. É o que eu digo quando um tema começa a se agitar na minha cabeça. Primeiro escuto um ritmo. Dessa vez é como um andar de patas, a melodia de esporas, o som metálico de espadas, mas também um alvoroço, como uma vela de barco inflada. Bandeiras!
A DAMA
- Não, é só o vento nas árvores.
O DESCONHECIDO
- Rápido! Eles já estão na ponte... uma ponte de madeira, sem água no rio, só pedras. Espere! Agora estão lendo uma prece, homens e mulheres. Um Te Deum. Agora eu vejo... sabe onde? No seu xale... Umas cozinha enorme, branca, com paredes caiadas, três janelas pequenas, encravadas, com treliças e flores. No canto esquerdo um fogão, no direito uma mesa de jantar de tábuas de pinho branco, em cima da mesa, no canto, um crucifixo preto pendurado. Sob ele um candeeiro aceso. Porém, o teto é de vigas marrom de fuligem... Nas paredes visgos pendurados; sem dúvida visgo murcho.
A DAMA (**Assustada**)
- Onde você está vendo tudo isso? Onde?
O DESCONHECIDO
- No seu xale.
A DAMA
- Você vê alguém?
O DESCONHECIDO
- Vejo um velho, bem velho, sentado à mesa da cozinha, com uma cesta de caça. Mas com as mãos postas em oração. Há uma mulher ajoelhada no chão. Escuto novamente a prece. Parece que vem de fora, da varanda. Os dois da cozinha parece que são feitos de cera branca ou mel. E por cima de tudo, um véu. Não, isso não é um poema. (**Acordando**) É alguma outra coisa.

A DAMA
- É a realidade. É a cozinha da casa dos meus pais, onde você nunca esteve. O Velho era meu avô, guarda-florestal; a mulher, minha mãe. Ela estava rezando... por nós. São seis horas... quando os empregados lêem preces na varanda...

O DESCONHECIDO
- É horrível. Estou vendo o futuro também? Era bonito, todo branco como a neve, o visgo e as flores. Mas por que eles estavam rezando por nós?

A DAMA
- Sim, por quê? Nós fizemos algo de errado?

O DESCONHECIDO
- O que é errado?

A DAMA
- Eu ouvi que o Errado não existe, entretanto... Eu desejo tanto ver minha mãe novamente. Não meu pai, ele me renegou, como renegou minha mãe.

O DESCONHECIDO
- Por que a renegou?

A DAMA
- Quem entende essas coisas? As crianças menos ainda. Vamos para casa. Eu quero tanto.

O DESCONHECIDO
- Para a cova do leão, o ninho da cobra. Uma a mais ou a menos, por que não? Pelo seu bem, eu irei; mas não como um filho pródigo. Pelo seu bem atravessei o fogo e a água...

A DAMA
- Você não pode saber.

O DESCONHECIDO
- Mas eu sempre adivinho.

A DAMA
- É uma viagem difícil. Eles moram na montanha. Só se pode chegar à casa a pé.

O DESCONHECIDO
- Soa como um conto de fadas. Mas parece que eu já li ou sonhei com alguma coisa assim.

A DAMA
- Talvez você tenha mesmo. Mas tudo o que você verá é real – um pouco estranho, talvez, mas as pessoas soa estranhas às vezes. você está pronto?

O DESCONHECIDO
- Pronto, para tudo que puder acontecer.

A DAMA (**Beija-o na testa e faz o sinal da cruz com simplicidade e timidez sem afetação**)
- Venha!

CENA 3
NA ESTRADA

PAISAGEM DE MONTANHA. NO ALTO, NUM CUME, UMA CAPELA. A ESTRADA, MARGEADA POR ÁRVORES FRUTÍFERAS, SERPENTEIA NA FRENTE DO PALCO. ENTRE AS ÁRVORES PODEM-SE VER CALVÁRIOS, PEQUENAS CAPELAS DE EXPIAÇÃO E CRUZES COMEMORATIVAS DE ACIDENTES. NA FRENTE DO PALCO, UMA PLACA COM OS DIZERES: "É PROIBIDO ESMOLAR."

A DAMA E O DESCONHECIDO

A DAMA
- Você está cansado.

O DESCONHECIDO
- Não posso negar. Mas o que me humilha é estar com fome porque o nosso dinheiro acabou. Nunca pensei que isso iria acontecer comigo.

A DAMA
- Devemos estar preparados para tudo, pois parece que caímos em desgraça. Olhe, minha bota rasgou. Devemos parecer mendigos.
O DESCONHECIDO (**Apontando o cartaz**)
- E não são permitidos mendigos aqui. Porque eles tinham de escrever em letras tão grandes?
A DAMA
- Isso esta aí desde que eu me lembro. E eu não venho aqui desde criança. A estrada parecia bem curta naquela época; as montanhas, menos latas; as árvores menores. Acho que costumávamos ouvir pássaros cantando.
O DESCONHECIDO
- Os pássaros cantavam para você durante o ano todo, coitadinha. Agora eles só cantam na primavera... e estamos perto do outono. Mas, naquela época, você dançava por essa estrada de calvário sem fim colhendo flores nos pés das cruzes... (Ouve-se ao fundo uma corneta de caça) O que é isso?
A DAMA
- É o Vovô voltando da caça. O bom velho. Vamos correr e chegar lá antes de escurecer.
O DESCONHECIDO
- É longe?
A DAMA
- Não muito. Só temos de atravessar uma montanha e depois o rio
O DESCONHECIDO
- Então esse barulho que estou ouvindo é o rio?
A DAMA
- Sim. Foi onde eu nasci e cresci. Eu tinha dezoito anos quando atravessei para esta margem, para ver o que faz a distância tão azul. Agora já vi.
O DESCONHECIDO
- Você está chorando.
A DAMA
- O bom velho. Quando eu entrei no bote ele disse: ali está o mundo, filha. Quando tiver visto o bastante volte para sua montanha. As montanhas escondem. Eu já vi o bastante. O bastante!
O DESCONHECIDO
- Vamos. A estrada é longa e a escuridão está aumentando.

(ELES PEGAM SUAS COISAS E PARTEM)

CENA 4
NO DESFILADEIRO

O DESFILADEIRO LEVA UMA GARGANTA. ELA ESTÁ RODEADA DE MONTANHAS ÍNGREMES COBERTAS POR UMA FLORESTA DE PINHEIROS. NA FRENTE DO PALCO, UM ALPENDRE. ENCOSTADA NA PORTA, UMA VASSOURA CUJO CABO ESTÁ PENDURADO NUM CHIFRE DE CERVO. À ESQUERDA, UMA FERRARIA, COMA PORTA ABERTA, LANÇA FAGULHAS VERMELHAS. À DIREITA, UM MOINHO DE TRIGO. AO FUNDO, O DESFILADEIRO COM A CALHA QUE ALIMENTA A RODA DO MOINHO E UMA PONTE. AS MONTANHAS FORMAM IMENSOS PERFIS HUMANOS.
QUANDO A CORTINA SOBE, O FERREIRO ESTÁ NA PORTA DA FERRARIA E A MULHER DO MOLEIRO ESTÁ NA PORTA DO MOINHO. QUANDO A DAMA ENTRA ELES FAZEM UM SINAL MÚTUO E DESAPARECEM POR SUAS PORTAS. A DAMA E O DESCONHECIDO ESTÃO COM ROUPAS ESFARRAPADAS. A DAMA SE DIRIGE À FERRARIA.
O DESCONHECIDO (**Entra**)
- Eles se esconderam. Por nossa causa, eu acho.
A DAMA
- Não acredito nisso.

O DESCONHECIDO
- Que paisagem mais estranha! Tão inquietante! Por que aquela vassoura e aquele chifre estão ali? Provavelmente porque é seu lugar usual; mas eles me lembram bruxas. Por que a ferraria é preta e o moinho é branco? Porque um é fuliginoso e o outro farinhento. Mas quando eu vejo o ferreiro parado no brilho do seu fogo, encarando a mulher do moleiro penso num antigo poema...! mas você vê lá aqueles gigantes? Não, é insuportável. Você não vê seu ogro, aquele de quem eu te salvei? É seu perfil. Veja! Lá!

A DAMA
- É só a montanha...

O DESCONHECIDO
- É a montanha, mas é ele também.

A DAMA
- Não me pergunte por que nós o vemos.

O DESCONHECIDO
- A consciência alfineta quando se está faminto e cansado, e dorme quando se está cheio e descansado. Não é como uma maldição que tenhamos chegado como mendigos? Você vê quão esfarrapados nós ficamos depois de escalar aqueles arbustos espinhosos? Acho que alguém está lutando contra mim...

A DAMA
- Por que você desafiou Deus?

O DESCONHECIDO
- Por que quero combater abertamente, não com contas não pagas ou bolsas vazias. Mesmo assim, aqui está meu último *shilling*. Deixe o deus do rio levá-lo, se é que ele existe. (**Joga um amoeda no rio**)

A DAMA
- Nós precisávamos dele para o barqueiro. Quando chegarmos em casa, a primeira coisa a fazer será pedir dinheiro...

O DESCONHECIDO
- E quando foi que nós falamos de outra cosia?

A DAMA
- Você despreza o dinheiro....

O DESCONHECIDO
- E tudo mais.

A DAMA
- Nem tudo é desprezível. Há coisas boas...

O DESCONHECIDO
- Não percebi.

A DAMA
- Venha comigo e verá.

O DESCONHECIDO
- Muito bem. Eu irei. (**Ele se encolhe quando está para passar pela ferraria**)

A DAMA (**Que foi na frente**)
- Você está com medo do fogo?

O DESCONHECIDO
- Não, mas...

(OUVE-SE À DISTÂNCIA A CORNETA DE CAÇA. ELE PASSA CORRENDO PELO MOINHO, DEPOIS DELA.)

CENA 5
NA COZINHA

Uma grande cozinha com paredes caiadas. três janelas no canto direito (duas na parede do fundo e uma na parede da direita). as janelas são pequenas, instaladas em nichos profundos com vasos de flores. o teto é negro de fuligem, com traves. no canto esquerdo, um fogão com panelas, etc.; um crucifixo com uma lamparina. sob ele uma mesa quadrada com bancos encostados na

parede. ramos de visgo pendurados ao acaso. no fundo do palco, uma porta. fora pode-se ver a casa de correção; através das janelas do fundo vê-se a igreja. perto do fogão há cestos para os cães e a "mesa dos mendigos".

O velho está sentado à mesa sob o crucifixo, com suas mãos entrelaçadas. sua sacola de caça está diante dele. ele tem cerca de oitenta anos, estrutura sólida, cabelos brancos e barba cheia; está vestido como um guarda-florestal. a mãe está ajoelhada no centro do cômodo. tem os cabelos grisalhos, cerca de cinqüenta anos, usa uma roupa preta e branca. podem-se ouvir claramente, vindas de fora, as vozes de homens, mulheres e crianças entoando as últimas frases da prece: "santa maria, mãe de deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém.

O VELHO

- Amém.

MÃE

- Pai, viram dois vagabundos perto do rio. Estavam esfarrapado, sujos e molhados. Quando o barqueiro pediu o dinheiro da passagem, eles não tinham. Agora eles estão sentados no estábulo dos carneiros secando as roupas.

O VELHO

- Deixe-os ficar.

MÃE

- Nunca feche sua porta para um mendigo. Pode ser um anjo.

O VELHO

- É verdade. Deixe-os vir.

MÃE

- Vou colocar um pouco de comida, aqui na mesa dos mendigos, se não atrapalhar o senhor

O VELHO

- De jeito nenhum.

MÃE

- Devo dar um pouco de cidra?

O VELHO

- Sim. Pode acender o fogo também. Eles vão estar gelados.

MÃE

- É um pouco tarde para acender o fogo. Mas se o senhor quer, pai...

O VELHO(**Olhando pela janela**)

- Sim, acenda.

MÃE

- O que o senhor está olhando, pai?

O VELHO

- O rio subiu. Me pergunto o que estive procurando por setenta e cinco anos. Quando chegarei ao mar?

MÃE

- Está triste esta noite, pai?

O VELHO

- *Et introibo ad altarem. Dei; ad Deum quei laetificat juventutem meam*. Sim, estou triste. *Deus, Deus meus; quare tristis est anima mea, et quare conturbas me?*

MÃE

- Confie em Deus.

(a criada entra e faz um sinal para a mãe, que vai até ela. elas cochicham. a criada sai.)

O VELHO

- Eu ouvi. Meu Deus! Será que terei de suportar isso também?!

MÃE

- O senhor não precisa vê. Pode subir para os eu quarto.

O VELHO

- Não, devo aceitá-los como a uma penitência. Mas por que chegaram assim, como vagabundos?

MÃE
- Espero que
O VELHO
- Mas ela precisava trazer o ... o marido dela junto! É vergonhoso.
MÃE
- O senhor conhece Ingeborg. Ela sempre acha que o que ela faz é certo e apropriado. O senhor alguma vez a viu ficar envergonhada por algo que tivesse feito, ou tivesse sido punida? Ela ainda não se envergonha, muito ao contrário. E tudo o que ela faz, apesar do mau gosto, lhe parece certo.
O VELHO
- Sim. De certo modo não se pode ficar bravo com ela. Ela sempre sentiu que não era responsável, me mesmo ligava para os insultos; é como se desprezasse sua própria existência, ou fosse duas mulheres, uma pecadora, outra perdoada. Mas esse homem! Nunca odiei ninguém como eu o odeio. Ele só vê maldade por todos os lados. Nunca ouvi tanta maldade sobre um homem como a respeito dele.
MÃE
- Eu sei, pai. Mas talvez Ingeborg tenha um destino a cumprir na vida desse homem, e ele na dela. Talvez eles tenham que se atormentares mutuamente até encontrar a paz...
VELHO
- Talvez você tenha razão. Mas não quero ter nenhuma participação em algo que acho vergonhoso. Preciso ter esse homem sob o meu teto? Contudo, devo suportar isso, como o resto. Eu mereci.
MÃE
- Então, em nome de Deus.

(A DAMA E O DESCONHECIDO ENTRAM)

O VELHO
- Bem-vindos.
A DAMA
- Obrigada, mãe.

(O VELHO LEVANTA-SE E ESTUDA O DESCONHECIDO.)

A DAMA
- A Paz do Senhor esteja contigo, Avô. Este é o meu marido. Dê-lhe sua mão.
O VELHO
- Quero olhar para ele primeiro. (**Aproxima-se do Desconhecido, coloca sua mão nos ombros dele e olha em seus olhos**) Por que você veio a minha casa?
O DESCONHECIDO (**Simplesmente**)
- Somente para fazer companhia a minha mulher, como ela me pediu.
O VELHO
- Se isso é verdade, você é bem-vindo. Eu tive uma vida longa e tormentosa, e acabei encontrando na solidão uma certa paz. Espero que você não a perturbe.
O DESCONHECIDO
- Não vim pedir nada, e não levarei nada quando partir.
O VELHO
- Essa resposta me desagrada; todos nós precisamos uns dos outros. Devo precisar até de você. Nunca se sabe, rapaz.
A DAMA
- Avô!
O VELHO
- Sim, filha. Eu não te desejo felicidade por que ela não existe, mas eu te desejo força para suportar seu destino. Eu os deixo. Sua Mãe verá do que precisam. (**Sai**)
A DAMA (**Para a Mãe**)
- Você pôs essa comida para nós?
MÃE
- Na mesa dos mendigos?... Não, não... eu não sabia...

A DAMA
- Sim, nós devemos estar parecendo mendigos. Nos perdemos nas montanhas. Se o Avô não tivesse tocado a corrente....
MÃE
- Seu avô deixou de caçar há muito tempo.
A DAMA
- Então deve ter sido algum outro. Bom, mãe, vou arrumar o quarto rosa.
MÃE
- Vá , filha. Eu irei também.

(A DAMA QUER DIZER ALGUMA COISA, MAS NÃO CONSEGUE. SAI.)

O DESCONHECIDO (**Para a Mãe**)
- Eu já vi esse lugar antes.
MÃE
- E eu já o vi. Estive esperando por você.
O DESCONHECIDO
- Porque geralmente trago a desgraça comigo. Mas como devo estar em algum lugar e não posso mudar meu destino, não tenho escrúpulos...
MÃE
- Então você é como minha filha. Ela não tem escrúpulos, nem consciência...
O DESCONHECIDO
- Oh?
MÃE
- Você acha que eu sou maldosa; mas eu não posso ficar aqui dizendo maldades sobre minha filha. Só fiz essa comparação porque presumi que você conhecesse o caráter dela tanto quanto eu.
O DESCONHECIDO
- Não tinha percebido tais características em Eva.
MÃE
- Por que você chama Ingeborg de Eva?
O DESCONHECIDO
- Porque inventando um nome para ela eu a fiz minha. Eu a recriarei como desejo que ela seja...
MÃE
- Sua própria imagem? (**Sorri**) As bruxas da floresta entalham a imagem de quem elas querem destruir e dão-lhe o nome de sua vítima. Você calculou que através dessa sua nova Eva destruiria todas as mulheres?
O DESCONHECIDO (Olhando para **A MÃE** com espanto)
- Maldição...! desculpe-me, você é a mãe de minha mulher; eu sei que é religiosa. Como pode pensar uma coisa dessas?
MÃE
- São seus.
O DESCONHECIDO
- Isto está começando a ficar interessante. Eu vim pensando em encontrar um idílio rural e me encontro na cozinha de um feiticeira.
MÃE
- Não exatamente. Mas você se esquece, ou não sabe, que eu sou uma mulher que foi vergonhosamente abandonada por um homem, e você é um homem que vergonhosamente abandonou uma mulher.
O DESCONHECIDO
- Está bem explicado. Bom, agora eu seu onde estou.
MÃE
- E eu gostaria de saber onde estou. Você pode manter duas famílias?
O DESCONHECIDO
- Sim, se tudo correr bem.

MÃE
- Nada corre bem nessa vida. O dinheiro pode sumir.
O DESCONHECIDO
- Mas meu talento é um capital que nunca desaparecerá.
MÃE
- Já aconteceu.
O DESCONHECIDO
- Nunca encontrei ninguém que soubesse solapar tão bem a coragem de um homem...
MÃE
- A arrogância deve ser drenada. Seu último livro não era bom.
O DESCONHECIDO
- Você o leu também?
MÃE
- E conheço seus segredos. Portanto, não tente me fazer de boba. Uma coisinha me preocupa. Por que vocês não pagaram o barqueiro?
O DESCONHECIDO
- Meu calcanhar de Aquiles de novo! Eu joguei fora meu último centavo. Será que aqui não podem falar de outra coisa além de dinheiro?
MÃE
- Oh, calor. Mas nessa casa saldamos nossas dúvidas primeiro e nos divertimos depois. Então vocês vieram a pé porque não tinham dinheiro?
O DESCONHECIDO
- Não.
MÃE
- Você é um moleque, um preguiçoso inútil...
O DESCONHECIDO
- Passei por muita coisa na minha vida, mas nunca estive numa situação como esta...
MÃE
- Quase tenho dó de você. Daria risada se não fosse patético. Você ainda será causador de muitas lágrimas. Agora você conseguiu o que queria, agarrar-se à mulher que o ama. Se você a abandonar, nunca mais sorrirá porque esquecerá o que era a felicidade.
O DESCONHECIDO
- É uma ameaça?
MÃE
- Não, um aviso. Ande, come seu jantar.
O DESCONHECIDO (**Indicando a mesa dos mendigos**)
- Naquela mesa?
MÃE
- Você escarnece da pobreza, não deveria. Sei que já aconteceu antes.
O DESCONHECIDO
- Vou acabar acreditando que nada é impossível. É a pior coisa que eu poderia saber.
MÃE
- Oh, não. Há coisas piores. Espere e verá.
O DESCONHECIDO (**Miseravelmente**)
- Sim, estou esperando.

(ELE SAI. A MÃE FICA SOZINHA. O VELHO ENTRA.)

O VELHO
- Bom. Não era um anjo.
MÃE
- Não um bom, pelo menos.

O VELHO
- Ssh! Você sabe como o povo é supersticioso por aqui. Bem, eu vou descer até o rio; escutei alguns deles conversando. Alguém disse que seu cavalo refugou perto dele, outros que seus cachorros latiram tanto para ele que teve de amarrá-los, o barqueiros disse que seu barco levantou da água quando ele entrou. Claro que são só superstições, mas...
MÃE
- Mas?
O VELHO
- Bem, só que uma pega[5] voou pela janela, que estava fechada, através do vidro, para dentro do quarto deles. mas talvez eu não tenha visto bem.
MÃE
- Espero que não. Mas por que, às vezes, vemos errado... no lugar certo?
O VELHO
- A mera presença desse homem me deixa doente. Sinto um aperto no peito quando ele olha para mim.
MÃE
- Devemos nos livrar dele. Não acho que será feliz aqui.
O VELHO
- Não, eu não o vejo envelhecendo por aqui. Recebi uma carta, na noite passada, me prevenindo contra ele. Porque a polícia está atrás dele...
MÃE
- A polícia? Na nossa casa!
O VELHO
- Sim, é um problema de dinheiro. Mas te peço... as leis da hospitalidade, mesmo para com mendigo, mesmo para com um inimigo são sagradas. Deixe-o em paz por alguns dias, até que tenha se recuperado dessa perseguição louca. Veja como a Previdência botou suas garras nele. Sua alma deve ser moída no moinho antes que ele vá para a peneira.
MÃE
- Não me importo de ser o instrumento da Previdência nesse caso.
O VELHO
- Não confundia Previdência com vingança.
MÃE
- Vou tentar. Se for possível.
O VELHO
- Boa noite.
MÃE
- O senhor acha que Ingeborg leu o último livro dele?
O VELHO
- Dificilmente. Como poderia se ligar a um homem com tais pontos de vista?
MÃE
- O senhor tem razão. Ela não poderia. Bem, agora ela vai saber.

ATO III
CENA 1
O QUARTO COR-DE-ROSA

um quarto na casa do guarda-florestal, mobiliado de forma simples mas aconchegante. paredes pintadas de rosa-pink, as cortinas de musseline rosa-vermelho. flores nas janelas venezianas. à direita, mesa e estante. à esquerda, um canapé com um dossel com cortinas rosa-vermelho. cadeiras e mesas em estilo alemão antigo. no fundo do palco, uma porta; fora uma paisagem e a casa de correção – um edifício preto de fuligem com janelas nus. o sol brilha intensamente.
a dama está sentada no canapé, tricotando. a mãe está em pé com um livro de capa vermelha nas mãos.

[5] Pega – Ave européia da família dos corvídeos.

MÃE
- Você não quer ler o livro do seu marido?
A DAMA
- Não, não esse livro. Prometi a ele que não leria.
MÃE
- Não quer conhecer o homem ao qual você confiou seu destino?
A DAMA
- De que serviria? Estamos felizes assim como estamos.
MÃE
- Você não pede muito da vida.
A DAMA
- E por que pediria? Os pedidos nunca são satisfeitos.
MÃE
- Nunca sei se você é mais esperta do que nós ou só estúpida.
A DAMA
- Também não sei nada sobre mim mesma.
MÃE
- Enquanto o sol brilha e você tem o bastante para comer, você está contente.
A DAMA
- Sim. E quando o sol não brilha penso: "é normal".
MÃE
- Mudando de assunto, você sabe que ele está sendo procurado por dívidas?
A DAMA
- E qual poeta não está?
MÃE
- O que ele é , um tolo ou um patife?
A DAMA
- Mãe, ele não é nem um nem outro. Ele é... diferente. O chato é que nunca digo alguma coisa que ele já tenha ouvido antes. O que significa que ele não fala muito, mas fica feliz em apenas me ter com ele. E eu estou feliz por tê-lo comigo.
MÃE
- E daí? Você está numa calmaria agora; não vai demorar a entrar nas corredeiras. Mas você não acha que se ler esse novo livro terá sobre o que conversar com ele ?
A DAMA
- Talvez. Pode deixá-lo aí se quiser.
MÃE
- Pegue e esconda. Será uma surpresa boa para ele quando você citar
alguma coisa da sua última obra-prima.
DAMA (**Coloca o livro no bolso**)
- Pronto. Aí vem ele. Parece que ele sabe quando falam dele. Mesmo à distância.
MÃE
- Se pelo menos ele soubesse quando os outros estão sofrendo por causa dele. Mesmo à distância.
(ela sai. a dama dica só por alguns instantes. ela abre o livro e folheia; parece espantada; coloca-o de volta no bolso.)
O DESCONHECIDO (**Entra**)
- Sua mãe esteve aqui. E vocês estavam falando sobre mim. Ainda quase posso ouvir o eco da voz dela. Sentir o cheiro das palavras venenosas no ar e vejo escurecendo a luz do sol. Acho que posso até ver a marca do corpo dela no ar... ali! Ela deixa um cheiro atrás dela como de uma serpente morta.
A DAMA
- Como você está nervoso hoje.

O DESCONHECIDO
- Demais. Algum desmazelado acabou com meus nervos e agora está brincando neles com um laço de crina, e então grita como uma perdiz... você não imagina como é. Há alguém aqui que é mais forte do que eu. Alguém que me rodeia com uma lanterna e me procura onde eu estiver. Vocês têm bruxas por esses campos?
A DAMA
- Não dê as costas para a luz do sol, olhe para a bela paisagem e acalme-se.
O DESCONHECIDO
- Não. Não posso olhar para a casa de correção. Sinto que ela foi construída somente por minha causa. E há uma louca lá, acenando para mim.
A DAMA
- Você acha que foi mal tratado aqui?
O DESCONHECIDO
- De certo modo. Não... Mas eles me enchem com delicadezas como se pensassem que eu estivesse sendo engordado para o abate; e ainda assim tudo me irrita, pois são indesejadas. Sinto seu ódio como... como quando se abre uma geladeira. Imagine, sinto um vento gelado por toda parte, embora o ar seja bem parado e faça um calor horrível! E eu continuo ouvindo esse maldito moinho....
A DAMA
- Mas agora ele não está moendo.
O DESCONHECIDO
- Moe, sim; moe, sim...
A DAMA
- Não há ódio aqui, querido. Só compaixão infinita...
O DESCONHECIDO
- Há mais alguma coisa, por que as pessoas atravessam a estrada quando eu ando por ela?
A DAMA
- Porque as pessoas, por aqui, rezam silenciosamente enquanto andam. É costume deles, o que havia na carta que você recebeu esta manhã?
O DESCONHECIDO
- O bastante para deixar meu cabelo de pé e me fazer querer cuspir na cara do destino. Estou sendo acionado para pagar uma pensão pelos tutores dos meus filhos. Você alguma vez já viu alguém numa situação tão humilhante? Não é minha culpa. Me devem dinheiro e não tenho como receber. Não posso fazer o que me pedem, gostaria, mas não me permitem. É culpa minha? Não. Mas passo vergonha. Não é uma obra da natureza, mas sim do diabo.
A DAMA
- Mas por quê?
O DESCONHECIDO
- Exatamente. Por quê? Por que o Homem nasce neste mundo um ser ignorante; ignorante das leis, costumes e convenções, os quais, por usa ignorância, ele quebra e é punido? Por que se junta à humanidade cheio de intenções nobres, apenas para ser levado a todos os tipos de competições que se odeia? Por quê? Por quê?
A DAMA (**A qual, sem que ele percebesse, esteve lendo o livro e não escutando**)
- Deve haver algum propósito, ainda que não possamos compreender.
O DESCONHECIDO
- Se é nos fazer humildes, como alguns dizem, é um jeito ruim, por que só me fez orgulhoso, Eva!
O DESCONHECIDO (**Espantando-se**)
- Por que não?
A DAMA
- Eu não gosto. É como se eu tivesse chamado você de César...
O DESCONHECIDO
- Chegamos lá então?

A DAMA
- Lá? O que quer dizer?
O DESCONHECIDO
- Você quer dizer mais alguma coisa com esse nome?
A DAMA
- César? Não, não queria. Agora estou entendendo.
O DESCONHECIDO
- Ótimo. Então permita apunhalar-me sozinho. Eu sou César, o estudante que fez alguma coisa pela qual outro garoto foi culpado. Esse outro garoto era seu marido... o ogro. Dessa maneira o Destino se diverte em tecer sua teia. Uma diversão nobre! (**A Dama hesita e permanece em silêncio**) Diga alguma coisa!
A DAMA
- Não consigo.
O DESCONHECIDO
- Diga que ele se tornou um ogro porque perdeu a fé na existência da justiça divina, por ter sido injustamente punido pelo crime do outro. Diga, e eu direi como eu sofri vinte vezes mais por esse crime, e emergi da crise religiosa que isso causou tão castigado que nunca mais fiz nada parecido.
A DAMA
- Não é isso; não é isso.
O DESCONHECIDO
- O que é então? Você não pode me respeitar mais?
A DAMA
- Também não.
O DESCONHECIDO
- Então é porque eu deverei sentir-me sempre envergonhado na sua presença, o que acabará nos separando.
A DAMA
- Não!
O DESCONHECIDO
- Eva!
A DAMA
- Não! Você me desperta maus pensamentos...
O DESCONHECIDO
- Você quebrou sua promessa e andou lendo meu livro.
A DAMA
- Sim.
O DESCONHECIDO
- Foi bobagem. Você não deveria ter lido.
A DAMA
- Foi com boa intenção, só boa.
O DESCONHECIDO
- Boas intenções podem ter más conseqüências. Caí numa armadilha; numa armadilha que eu mesmo armei. Por que tudo acontece, tudo? Loucuras infantis e crimes adultos. Que se colha o mal onde se semeia é justo; mas quando uma boa ação é recompensada? Que tipo de ser é Ele que anota cada má ação, grande ou pequena? Nenhum ser humano faz isso. Os homens podem perdoar, mas os deuses nunca.
A DAMA
- Não fale assim, por favor. diga que você poder perdoar.
O DESCONHECIDO
- Não sou intolerante, acho que você sabe. Mas o que é que eu devo perdoar?
A DAMA
- Oh... Mais do que eu posso dizer...

O DESCONHECIDO
- Diga, e talvez então estaremos livres.
A DAMA
- Ele e eu costumávamos ler a maldição do Deuterônio contra você...
porque você destruiu a vida dele...
O DESCONHECIDO
- Que maldição é essa?
A DAMA
- Na Bíblia, um dos sacerdotes lê em coro no começo da Quaresma.
O DESCONHECIDO
- Não me lembro disso. Mas e daí, uma a mais, uma a menos?
A DAMA
- A nossa família é uma tradição de que não importa como praguejamos, a praga sempre cai sobre nossa casa.
O DESCONHECIDO
- Não acredito nisso. Ainda que eu não duvide que o mal parta desta casa. Que volte sobre as cabeças dos que o enviaram! É meu pedido. De acordo com as leis da terra talvez seja meu dever meter uma bala na cabeça. Mas não posso fazê-lo enquanto não tiver cumprido todas as minhas obrigações. .. Imagine... não posso nem mesmo morrer! O meu direito de fazê-lo é a única crença religiosa que ainda tenho. Os poderes são espertos. Ouvi que um homem pode lutar com Deus e ter alguma esperança de sucesso, mas nem mesmo Jó pode lutar com Satã. Será que podemos ter uma conversinha sobre você agora?
A DAMA
- Ainda não. Talvez daqui a pouco. Lendo este seu livro medonho... Eu apenas dei uma olhada numas linhas, aqui e ali... foi como comer da árvore da sabedoria. Meus olhos estão abertos, e sei agora o que é mal e o que é bem. Antes não sabia. Agora percebo quão mau você é. Agora sei porque queria me chamar de Eva. Mas se o pecado veio ao mundo através da primeira mãe, o perdão chegou através de outra mãe. Fomos amaldiçoados por uma e redimidos pela outra. Você não destruirá meu sexo por meu intermédio. Contudo, eu devo ter algum outro objetivo na sua vida. Veremos.
O DESCONHECIDO
- Você comeu da árvore da sabedoria. Adeus.
A DAMA
- Vai embora?
O DESCONHECIDO
- O que mais posso fazer? Não posso ficar aqui.
A DAMA
- Não vá.
O DESCONHECIDO
- Preciso. Para arrumar meus negócios. Vou dizer adeus aos velhos, aí volto para você. Não vai levar nem um minuto. (**Sai**)
A DAMA (**Fica alguns segundos como que congelada; vai até a porta e olha para fora**)
- Não. Ele se foi. Se foi. (**Ela cai de joelhos, abatida**.)

CENA 2
NO ASILO

o refeitório de uma antiga abadia. parece ser simplesmente uma igreja semicircular caiada, porém as paredes têm manchas enevoadas que parecem estranhas figuras.
tigelas em cima das mesas. na ponta de cada uma, um atril para leitura. no fundo do palco, uma porta dando para a capela. há velas acesas nas mesas. à esquerda, uma pintura de miguel matando satã.

o desconhecido está sentado sozinho na mesa da esquerda, usa um avental branco do asilo. na mesa da direita estão sentados os enlutados de marrom do primeiro ato, o mendigo, uma mulher de luto com duas crianças, uma mulher que se parece com a dama, mas não é ela, e que tricota enquanto come, um homem que se parece como médico, mas não é ele. outros que se parecem como louco, como avô, com a mãe e o irmão; os pais do "pródigo" etc. todos estão vestidos de branco; por sobre o roupão usam uma gaze de cores diferentes. seus rostos parecem de cera, brancos como cadáveres. todos andam e falam como fantasmas. quando sobe a cortina todos estão esperando que o desconhecido conclua a prece.

O DESCONHECIDO (**Levanta-se e vai até a Abadessa que está em pé perto da mesa da comida**)

- Madre, deixe-me falar com a senhora um momento.

A ABADESSA (**Com hábito agostiniano preto e branco**)

- Sim, meu filho. (**Eles vêm até a frente do palco**)

O DESCONHECIDO

- Em primeiro lugar, onde eu estou?

A ABADESSA

- Na Abadia da Boa Esperança. Nós o encontramos na montanha sobre o desfiladeiro, com uma cruz que você tinha quebrado de um calvário ao lado e com o qual ameaçava alguém nas nuvens que você imaginou ter visto. Você estava com febre e caiu no precipício. Nós o achamos sem ferimentos mas delirando; o trouxemos para cá, no hospital, e o colocamos na cama. Você delirou desde então, e apesar de ter reclamado de dor em seu quadril, não encontramos nenhuma ferida.

O DESCONHECIDO

- O que eu disse durante o delírio?

A ABADESSA

- O que normalmente os homens dizem quando estão febris. Você se culpava por tudo que se possa imaginar, e pensava ver suas vítimas, como você as chamava.

O DESCONHECIDO

- E depois?

A ABADESSA

- Falou muito em dinheiro. Disse que queria pagar pelo tratamento. Tentei explicar que aqui não recebemos pagamento, que fazemos tudo por caridade...

O DESCONHECIDO

- Não quero caridade. Não preciso.

A ABADESSA

- É mais abençoado dar do que receber. Mas revela um espírito nobre receber e ser grato.

O DESCONHECIDO

- Não preciso receber nada nem pedir nada. Não vou ser forçado a ser agradecido.

ABADESSA

- Hm! Hm!Hm!

O DESCONHECIDO

- Diga-me, por que nenhuma dessas pessoas sentou-se na mesa comigo? Elas se levantam e saem.

A ABADESSA

- Eles têm medo de você.

O DESCONHECIDO

- Por quê?

A ABADESSA

- Do seu jeito

O DESCONHECIDO

- Do... meu jeito? Mas, veja o jeito deles. Eles são reais?

A ABADESSA

- Se você quer saber se eles existem... sim, num sentido eles são terrivelmente reais. Podem parecer estranhos para você por que ainda está com febre. Ou talvez por outra razão.

O DESCONHECIDO
- Mas eu sei que conheço todos eles. Os vejo como se fosse num espelho. E eles estão só fingindo comer. Aqueles dois lá, parecem meus pais... à primeira vista são mesmo. Nunca temi nada antes porque a vida não é nada para mim, mas agora estou ficando assustado.
A ABADESSA
- Se não acredita que sejam reais, deixe o Confessor apresentá-los a você. (**Ela faz sinal para o Confessor, que se aproxima**)
O CONFESSOR (**Com hábito de dominicano, preto e branco**)
- Irmã!
A ABADESSA
- Diga para o nosso doente quem são essas pessoas.
O CONFESSOR
- Não vai demorar.
O DESCONHECIDO
- Posso perguntar-lhe uma cosia primeiro? Nós já nos encontramos antes?
O CONFESSOR
- Sim. Sentei ao lado de sua cama enquanto você tinha febre, e ouvi sua confissão...
O DESCONHECIDO
- minha confissão?
O CONFESSOR
- Sim. Mas não pude conceder sua absolvição porque tive a impressão de
que o que você estava dizendo eram alucinações.
O DESCONHECIDO
- Como assim?
O CONFESSOR
- Dificilmente não havia um crime ou pecado do qual você não se dissesse culpado, incluindo alguns tão terríveis que pediriam a mais rigorosa penitência antes de podermos absolvê-lo. Agora que você recobrou a consciência, posso perguntar se há algum fundamento nessas auto-acusações. (**A Abadessa se afasta**)
O DESCONHECIDO
- Que direito você tem de perguntar isso?
O CONFESSOR
- Nenhum. Tem razão.. mas você queria saber quem são essas pessoas? Bom, não são as mais felizes da humanidade. Lá por exemplo, temos um louco chamado César, que perdeu o juízo lendo livros de certo autor que sabidamente é maior que sua fama. E lá o mendigo, que não quer admitir que é um mendigo por que sabe ler latim e alega ter sido libertado. E o médico, também chamado ogro, cuja história é bem conhecida. E um pai e uma mão, mortalmente desgostosos por causa de um filho depravado que levantou sua mão contra eles. Ele não seguiu o ataúde de seu pai até o cemitério e, embriagado , profanou o túmulo de sal mãe, pelo que ele deve responder. Ali está sentada sua pobre irmã, que ele jogou na neve, de acordo com seu próprio relato. E lá uma esposa abandonada com das crianças negligenciada. E também a mulher que tricota. Você conhece todos eles. Vá e comprimente-os.
(durante essa fala, o desconhecido virou as costas para o grupo. senta-se à mesa da esquerda, ainda de costas. quando levanta a cabeça, vê o quadro de miguel e abaixa os olhos. o confessor vai e fica atrás dele. ouve-se um réquiem vindo da capela.)
O CONFESSOR (**Sussurra para o Desconhecido seguindo a música que se ouve suavemente**)
Quantus tremor est futurus
Quando judex este venturus
Cuncta stricte discussurus
Tuba mirum spargens sonum
Per seoulchra regionum
Coget omnes ante thronum.

Mors stupebit et natura
Cum resurget creatura
Judicanti responsura
Liber scritptus proferetur
In quo totum continetur
Unde mundus judicetur.
Judex ergo cum apparebit
Quidquid lated apparebit
Nil inultum remanebit.

(VAI ATÉ O ATRIL DA MESA DA DIREITA. ABRE UM BREVIÁRIO. A MÚSICA PÁRA.)

O CONFESSOR

- Vamos continuar nossa leitura. "Mas se não escutares a voz do Senhor, teu Deus, se não praticares todos os Seus preceitos e as Suas leis que hoje te prescrevo, todas estas maldições virão sobre ti e será tua partilha: serás maldito na cidade e nos campos. Malditos serão teu cabaz e tua arca. Malditos serás quando entrares, e maldito também quando saíres.

OS OUTROS (**Sussurrando**)

- Maldito!

O CONFESSOR

- "O Senhor suscitará em tua casa a infelicidade, a desordem e a ruína em todas as tuas empresas, até que sejas aniquilado e destruído sem demora, por causa dos teus delitos e por Me teres abandonado.

OS OUTROS (**Alto**)

- Maldito!

O CONFESSOR

- "O senhor fará com que sejas esmagado por teus inimigos. Se marchares contra eles por um caminho, por sete caminhos fugirás diante deles, vexado por todos os reinos da terra. O teu cadáver , vexado por todos os treinos da terra. O teu cadáver servirá de pasto às aves do céu e aos animais da terra, e ninguém os perturbará. Estarás para casar com uma mulher e outro a possuirá. Edificarás uma casa e não residirás nela; plantarás uma vinha e não provarás dela. Os teus filhos e as tuas filhas serão entregues a um povo estrangeiro; os teus olhos o verão e se consumirão de dor à sua espera, mas tua mão ficará impotente. E até no meio dessas nações, não encontrarás repouso nem ponto de apoio para a planta dos teus pés. O Senhor dar-te-á ali com que os teus olhos desfaleçam e porá angústia na tua alma. A tua vida estará como em suspenso diante de tu. Tremerá de noite e de dia não acreditarás no teu próprio viver. Todas as manhas dirás: 'Oxalá que ainda fosse a tarde de ontem!', e todas as tardes dirás: 'Oxalá que ainda fosse esta manhã!' Porque não serviste ao Senhor, teu Deus , com alegria e contentamento de coração, no meio da abundância, servirás na fome, na sede, na nudez e na mais extrema miséria e Ele colocar-te-á um jugo de ferro no pescoço até te aniquilar.

OS OUTROS

- Amém!

(O CONFESSOR LEU RAPIDAMENTE E BEM ALTO SEM SE DIRIGIR AO DESCONHECIDO. OS OUTROS, EXCETO A DAMA, QUE ESTÁ TRICOTANDO, OUVIRAM E AMALDIÇOARAM SEM PARECER VÊ. O DESCONHECIDO, QUE PERMANECEU SENTADO DE COSTAS PARA ELES EM SILÊNCIO E CURVADO, LEVANTA-SE PARA SAIR. O CONFESSOR VAI ATÉ ELE.)

O DESCONHECIDO

- O que era isso?

O CONFESSOR

- A maldição do Deuterônio.

O DESCONHECIDO

- Oh... era! Mas parece-me que havia uma benção.

O CONFESSOR
- Para aqueles que seguem Seus mandamentos.
O DESCONHECIDO
- Entendo. Não nego que por um instante me chocou um pouco. Não sei se isto é uma experiência para me testar, ou um aviso para eu tomar cuidado. De todo modo, aprece que eu ainda tenho febre e portanto vou procurar um médico de verdade.
O CONFESSOR
- Como você quiser. Mas tenha certeza de que seja o certo.
O DESCONHECIDO
- Claro, claro.
O CONFESSOR
- Um que possa curar essas "belas dores na consciência".
A ABADESSA
- Se algum dia precisar de compaixão, sabe onde pode encontrar.
O DESCONHECIDO
- Não, não sei.
A ABADESSA (**Suavemente**)
- Eu vou te dizer. Num quarto rosa-vermelho, perto de um rio extenso e caudaloso.
O DESCONHECIDO
- Sim! Num quarto rosa-vermelho...! Vejamos. Por quanto tempo eu estive aqui?
A ABADESSA
- Três meses.
O DESCONHECIDO
- Três meses? Ah! Fiquei dormindo ou onde estive? (**Olha pela janela**) Sim, é outono. As árvores estão nuas, as nuvens vestem suas cores frias. A memória começa a acordar. A senhora escuta um moinho girando, uma corneta chamando, um rio correndo, uma floresta sussurrando e... uma mulher chorando? Sim, a senhora tem razão... Só lá há compaixão. Adeus! (**Sai correndo**)
O CONFESSOR (**Para a Abadessa**)
- O louco! O louco!

CENA 3
O QUARTO ROSA

as cortinas foram removidas e as janelas se abrem como buracos na escuridão da noite exterior. a mobília está coberta com panos cheios de fuligem e toda amontoada no meio do cômodo. não há mais flores e o grande fogão de ferro preto está apagado.
a mãe passa a ferro cortinas brancas à luz de uma vela. batem na porta.
MÃE
- Entre
O DESCONHECIDO (Entrando)
- Boa noite. Onde está minha mulher?
MÃE
- Oh, é você. De onde vem vindo?
O DESCONHECIDO
- Acho que do inferno. Mas onde está minha mulher?
MÃE
- Qual delas?
O DESCONHECIDO
- Essa pergunta tem sentido. Tudo tem sentido, menos eu.
MÃE
- Há uma razão, e é bom que você tenha percebido. Mas onde você esteve?

O DESCONHECIDO
- Não sei se era um asilo de pobres , um hospício ou num hospital comum. Prefiro achar que era uma alucinação. Estive doente e perdia memória. Nem posso acreditar que se passaram três meses. Onde está minha mulher?
MÃE
- Eu que deveria te perguntar. Quando você foi embora ela partiu. Foi procurar você. Ou ficou cansada de procurar, não sei.
O DESCONHECIDO
- Isso aqui está horrível. Onde está O Velho?
MÃE
- Onde nenhum desgosto o atormenta.
O DESCONHECIDO
- Morto?
MÃE
- Sim, ele está morto.
O DESCONHECIDO
- Você fala como se eu devesse ser culpado disso também.
MÃE
- Talvez.
O DESCONHECIDO
- Ele não era tão sensível e mostrou ser capaz de odiar profundamente.
MÃE
- Não. Ele só podia odiar o mal, nele e nos outros.
O DESCONHECIDO
- Então sou acusado injustamente. Por causa disso também (Pausa)
MÃE
- O que você está procurando aqui?
O DESCONHECIDO
- Compaixão.
MÃE
- Até que enfim. Mas me conte o que houve com você depois que saiu daqui.
O DESCONHECIDO
- Caí na montanha, bati o quadril e perdi a consciência. Se você falar sensatamente comigo, conto o resto.
MÃE
- Eu vou falar com sensatez.
O DESCONHECIDO
- Está bem, então. Acordei numa cama com barras de aço vermelho. Três homens estavam puxando uma corda que corria entre dois blocos e cada vez que eles a puxavam parecia que eu estava fiando um metro mais comprido...
MÃE
- Você deve ter deslocado o quadril e eles estavam tentando colocá-lo no lugar.
O DESCONHECIDO
- Você tem razão. Não tinha pensado nisso. Mas, então... Sim, fiquei lá, deitado, e vi toda a minha vida se passando pela juventude, até... E quando terminou, começou de novo... E todo o tempo eu ouvia um moinho girando... ainda ouço. Sim, aqui também!
MÃE
- Não deve ter sido um espetáculo bonito.
O DESCONHECIDO
- Não. E no fim cheguei à conclusão de que... eu era um grande canalha.
MÃE
- Por que você usa essa expressão?

O DESCONHECIDO
- Eu sei que você teria dito “uma má pessoa”. Mas alguém que diz isso de si mesmo parece-me que está se vangloriando. Há um tipo de confiança nisso que eu ainda não tinha notado.
MÃE
- Você ainda tem dúvidas?
O DESCONHECIDO
- Sim. Sobre muitas coisas. Mas começo a acreditar numa cosia
MÃE
- Sim?
O DESCONHECIDO
- Há coisas... e forças... nas quais eu não acreditava antes.
MÃE
- Você também percebeu que nem você, nem nenhum outro ser humano, controla seu estranho destino.
O DESCONHECIDO
- Acho... que percebi.
MÃE
- Então você chegou a algum lugar.
O DESCONHECIDO
- Há outra cosia. Estou falido. Perdi a força para criar. E não consigo dormir à noite...
MÃE
- Oh!
O DESCONHECIDO
- É o que chama de... pesadelos. E o pior é que não desejo mais morrer, porque já não tenho certeza de que a morte ponha fim aos sofrimentos.
MÃE
- Entendo.
O DESCONHECIDO
- O pior de tudo é que criei um tipo de auto-aversão e que eu ficaria feliz de me livrar de mim. Só que não vejo como. Se fosse cristão não poderia obedecer ao mandamento de amar o próximo como a mim mesmo porque significaria que o odiaria, como faço. Tenho consciência de que sou um grande canalha; sempre suspeitei, mas como na quero ser um joguete da vida, sempre olhei os outros com cautela... E quando via que eles não eram melhores do que, eu ficava furiosos quando tentavam me dominar.
MÃE
- Sim, mas você entendeu errado. Pensou que fosse um assunto entre você e o resto da humanidade. Mas é entre você e Ele...
O DESCONHECIDO
- Quem?
MÃE
- Aquele, invisível, que guia o seu destino.
O DESCONHECIDO
- Eu posso vê?
MÃE
- Quando estiver morto.
O DESCONHECIDO
- Não!
MÃE
- De onde você tirou esse maldito espírito de rebeldia? Se não se curvar como todos nós, vai quebrar como um graveto.

O DESCONHECIDO
- Não sei de onde tirei essa obstinação maldita. Tremo quando vejo uma conta a pagar, mas se pudesse subir no Monte Sinai e encarar o Todo-Poderoso, não cobriria meu rosto.
MÃE
- Jesus amado! Falar assim! você parece o filho do próprio Diabo.
O DESCONHECIDO
- Parece que todo mundo por aqui pensa assim. mas ouvi dizer que aqueles que são próximos do Diabo normalmente são favorecidos com honras, posses e ouro, especialmente ouro. Você acha que eu pertenço a tal categoria?
MÃE
- Você vai trazer a maldição para a minha casa.
O DESCONHECIDO
- Então vou sair daqui.
MÃE
- Esta noite? Não. Onde iria?
O DESCONHECIDO
- À procura da única pessoa que não odeio.
MÃE
- Tem certeza que ela o receberia?
O DESCONHECIDO
Completa.
MÃE
- Eu não.
O DESCONHECIDO
- Mas eu sim.
MÃE
- Então tenho de fazê-lo duvidar.
O DESCONHECIDO
- Não pode.
MÃE
- Posso.
O DESCONHECIDO
- Está mentindo.
MÃE
- Agora não estamos mais falando razoavelmente. Vamos parar. Quer dormir no sótão?
O DESCONHECIDO
- Em qualquer lugar. Não vou dormir.
MÃE
- Então, tenha uma boa noite. Mesmo que você ache que eu não deseje.
O DESCONHECIDO
- Não tem ratos no sóton, tem? Não tenho medo de fantasmas, mas não gosto de ratos.
MÃE
- Sorte você não ter medo de fantasmas, porque... nunca ninguém ficou lá em cima a note toda. Seja por que for.
O DESCONHECIDO (**Hesita um momento e depois**)
- Você é a pessoa mais maligna que eu já encontrei. Mas isso é porque você é religiosa.
MÃE
- Boa noite

CENA 4
NA COZINHA

está escuro, mas a lua do lado de fora espalha sombras inquietas pelo chão através das venezianas das janelas, como se as nuvens tempestuosas as atravessassem.
no canto direito, sob o crucifixo, onde o velho costumava sentar-se, estão pendurados sua corneta, sua arma e sua sacola de caça. em cima da mesa há uma ave de rapina empalhada. as janelas estão abertas e as cortinas esvoaçam. panos de pratos, aventais e toalhas de mão estão pendurados, murmurando, conforme o vento os sacode. uma queda d'água ruge na distância. vez por outra o chão de madeira estala.

O DESCONHECIDO (**Entra, semi-vestido, com uma vela na mão**)
- Há alguém aí? Ninguém. (**Anda com a vela, a qual deixa menos claro o movimento das sombras**) O que é essa agitação no assoalho? Há alguém aí? (**Vai em direção a mesa, porém pára como que petrificado quando vê o pássaro em cima da mesa**) Jesus Cristo!

MÃE (**Entra, vestida, com uma vela**)
- Você ainda está acordado?

O DESCONHECIDO
- Estou, não consegui dormir.

MÃE (**Com carinho**)
- Por que, meu filho?

O DESCONHECIDO
- Havia alguém andando lá em cima.

MÃE
- Impossível. Não há nenhum cômodo acima de lá

O DESCONHECIDO
- Foi isso que me deixou inquieto. Mas o que é essa agitação no assoalho como se fossem cobras?

MÃE
- O luar.

O DESCONHECIDO
- É. É o luar. Há também um pássaro empalhado. Há os panos da cozinha. Tudo muito normal e natural.. é justamente isso que me inquieta. Quem está batendo? Alguém ficou trancado lá fora?

MÃE
- Não. É o cavalo chutando no estábulo.

O DESCONHECIDO
- Verdade?

MÃE
- É. Há cavalos que têm pesadelos.

O DESCONHECIDO
- O que é um pesadelo?

MÃE
- Quem é que sabe?

O DESCONHECIDO
- Deixe-me sentar um pouco.

MÃE
- Sente-se e deixe-me falar seriamente com você. Eu fui cruel com você ontem à noite; por favor me desculpe. Mas por ser tão cruel, uso a religião como uso uma camisa de penitência e o chão de pedra. Se puder te ajudar vou dizer o que é um pesadelo. É minha má consciência. Se sou eu ou outra pessoa que me pune, não sei, e não acho que tenha o direito de perguntar. Agora me diga o que aconteceu com você aqui.

O DESCONHECIDO
- Não sei bem. Não vi nada, mas quando cheguei senti que alguém estava aqui. Procurei com a vela, mas não encontrei ninguém. Voltei para cama. Foi daí que alguém começou a andar com passos pesados sobre minha cabeça. Você acredita em fantasmas e espíritos?
MÃE
- Não. Minha religião proíbe. Mas acredito no poder da consciência para criar formas de castigo.
O DESCONHECIDO
- Bem... Depois de um tempo senti uma corrente de ar gelado bater no meu peito e apalpar até encontrar meu coração. Então meu coração ficou gelado e eu precisei levantar...
MÃE
- E aí?
O DESCONHECIDO
- Então fiquei pregado no chão e vi a minha vida inteira se desenrolar diante de mim; tudo, tudo. Isso foi o pior.
MÃE
- Sim. Eu sei, já passei por isso. Não há nome para essa doença, e só uma cura...
O DESCONHECIDO
- Qual?
MÃE
- Você sabe. Você sabe o que as crianças devem fazer quando se comportam mal.
O DESCONHECIDO
- O que elas devem fazer?
MÃE
- Primeiro, devem pedir perdão.
O DESCONHECIDO
- E depois?
MÃE
- Tenta fazer as coisas certas.
O DESCONHECIDO
- Não é o bastante sofrer de acordo com o merecimento de cada um?
MÃE
- Não. Isso é só vingança.

O DESCONHECIDO
- Bom, e o que mais?
MÃE
- Você pode tornar boa uma vida que tenha destruído? Pode desfazer uma ação perversa?
O DESCONHECIDO
- Não. É verdade. Mas fui forçado a fazer o que fiz. Fui forçado a tomar porque ninguém me dava. Ele deve se envergonhar de ter-me forçado! Ah**! (Põe a mão no peito**) Ah! Ele está aqui agora, neste lugar! Está arrancando meu coração do peito. Ah!
MÃE
- Humilhe-se
O DESCONHECIDO
- Não posso!
MÃE
- DE joelhos!
O DESCONHECIDO
- Não!
MÃE
- Cristo tenha piedade de você. Senhor tenha piedade. (**Para O Desconhecido**) De joelhos ante Aquele que foi crucificado por nós! Só Ele pode desfazer o que foi feito.

O DESCONHECIDO
- Não, não ante Ele! Não ante Ele! E se for forçado a fazê-lo, desfarei... mais tarde.
MÃE
- De joelhos! Meu filho!
O DESCONHECIDO
- Não posso ajoelhar! Não posso! Ajude-me, Deus Eterno!
(PAUSA)
MÃE (**Murmura uma prece ligeira, então**)
- Bom. Sente-se melhor?
O DESCONHECIDO (**Controlando-se**)
- Sim. Mas você sabe o que foi isso? Não era morte, era aniquilação.
MÃE
- Aniquilação da divindade em você. Chama-se morte espiritual.
O DESCONHECIDO (**Sinceramente, sem iron**ia)
- Percebo. Agora começo a entender.
MÃE
- Meu filho, você deixou Jerusalém e está na estrada de Damasco. Vá, pelo mesmo caminho que veio. Plante uma cruz em cada estação mas pare na sétima. Não precisa sofrer as quatorze como Ele.
O DESCONHECIDO
- Você fala por enigmas.
MÃE
- Bem... levante-se. Vá e procure aqueles a quem você tem algo a dizes. Primeiro, sua mulher.
O DESCONHECIDO
- Onde?
MÃE
– Procure. Mas não se esqueça daquele a quem você chama ogro...
O DESCONHECIDO
- Nunca!
MÃE
- Ouvi você dizer isso quando se sugeriu que deveria vir aqui. Mas, como disse, eu o esperava.
O DESCONHECIDO
- Por quê?
MÃE
- Por nenhum motivo que você chamaria racional...
O DESCONHECIDO
- Bem como eu vi esta cozinha... num ... êxtase, se você quiser...
MÃE
- Sinto, agora, ter tentado separa você de Ingeborg. Você e ela estavam destinados a se encontrar. Vá agora e procure-a. se encontrá-la, bom. Se não, talvez seja significativo também. Está começando a clarear. A aurora chegou. A noite terminou.
O DESCONHECIDO
- E que noite!
MÃE
- Você se lembrará dela.
O DESCONHECIDO
- Não de toda. Mas me lembrarei em parte.
MÃE (Olha pela janela, como pensando consigo mesma.)
- Oh! Estrela da manhã, por que caíste tão longe do céu?
(PAUSA)

O DESCONHECIDO
- Percebeu que antes do sol nascer, nós, mortais, trememos. Somos os filhos da escuridão que estremecem diante da luz que se aproxima?
MÃE
- Você nunca se cansa de fazer perguntas?
O DESCONHECIDO
- Nunca. Está vendo... desejo a luz.
MÃE
- Agora vá. E que a paz esteja com você.

ATO IV
CENA 1
NO DESFILADEIRO

mesma paisagem de antes, mas no outono, com três árvores secas. barulhos do martelo do ferreiro e do moinho rodando. o ferreiro está na porta, à esquerda. a mulher do moleiro à direita. a dama veste um casaco curto e um chapéu de couro (legítimo), porém está de luto. o desconhecido usa uma roupa tirolesa – jaqueta de lã, calções, botas de montanha, um cajado e um chapéu verde de caçador com penas de galo silvestre. por cima das roupas usa uma capa marrom tipo "kaiser", som sobrecapa curta e capuz.
A DAMA (Entra, usando roupas de viagem, cansada e angustiada)
- Passou por aqui um cavalheiro usando roupas de viagem?
(O FERREIRO E A MULHER DO MOLEIRO SACODEM A CABEÇA)
A DAMA
- Vocês poderiam me dar abrigo por esta noite? (**Sacodem a cabeça novamente**)
A DAMA (Para o Ferreiro)
- Posso ficar um pouco perto da sua porta para me aquecer?
(O FERREIRO A EMPURRA.)
A DAMA
- Que Deus os recompense como merecem!
(ela sai; é vista um momento depois sobre a ponte e então desaparece.)
O DESCONHECIDO (**Entra vestindo roupas de viagem**)
- Uma mulher em roupas de viagem atravessou o rio?
(ELES SACODEM A CABEÇA)
O DESCONHECIDO (Para a Mulher do Moleiro)
- Você poderia me vender um pedaço de pão? Eu tenho dinheiro.
(ELA REJEITA O DINHEIRO)
O DESCONHECIDO
- Você não tem compaixão?
(um eco distante imita a voz dele: "compaixão!" o ferreiro e a mulher do moleiro soltam uma gargalhada alta e desafinada que também é repetida pelo eco.)
O DESCONHECIDO
- Gostei. Olho por olho, dente por dente. Isso sempre ajudou a aliviar minha consciência.
(ELE VAI PARA O DESFILADEIRO.)

CENA 2
NA ESTRADA

novamente a paisagem de antes, mas no outono. o mendigo está sentado fora de uma capela de expiação com um ramo de visgo e um estorninho numa gaiola.
O DESCONHECIDO (vestido como na cena anterior)
- Diga-me, mendigo, você viu uma mulher em roupas de viagem passar por aqui?

O MENDIGO
- Vi quinhentas e eu ficaria grato se você parasse de me chamar de mendigo. Agora eu trabalho.
O DESCONHECIDO
- Oh, é você?
O MENDIGO
- Ille ego qui quondam...
O DESCONHECIDO
- O que é que você faz?
O MENDIGO
- Cuido de um estorninho. Ele assobia e fala...
O DESCONHECIDO
- É ele quem trabalha, então?
O MENDIGO
- Sim, eu fiquei independente.
O DESCONHECIDO
- Você apanha pássaros também?
O MENDIGO
- Oh, o ramo de visgo. Não, é só para manter as aparências.
O DESCONHECIDO
- Você liga para aparências?
O MENDIGO
- O que mais importa? Quem liga para o que está por dentro?
O DESCONHECIDO
- Essa é a sua filosofia?
O MENDIGO
- Meu sistema metafísico inteiro. Pode ser visto antes como um ponto de vista fora de moda, mas...
O DESCONHECIDO
- Diga alguma cosia séria. Conte-me sua história.
O MENDIGO
- Oh, que utilidade teria aprofundar-se num monte de esterco? Esqueça o passado, meu amigo, esqueça. Acha que sempre fui feliz assim? não. Só depois que te encontrei. Você era tão engraçado.
O DESCONHECIDO
- Como pode rir tendo uma vida toda desperdiçada atrás de você?
O MENDIGO
- Agora você está sendo pessoal. Mas se um homem não pode rir da adversidade, mesmo a dos outros, como pode continuar a viver? Escute. Se seguir esses rastros de roda no barro, vai chegar no mar e lá a estrada acaba. Sente-se lá por um instante e descanse; você verá as coisas diferentemente. Encontrará muitos acidentes nesse caminho – inquietações religiosas, lembranças penosas – que impedirão que pense no quarto rosa. Só siga os rastros. Se ficar um pouco lamacento, aqui e ali, estique suas asas e tente voar. Falando de vôo, uma vez ouvi um pássaro cantando alguma coisa sobre o anel de Policrates; como ele obteve toda a glória do mundo mas não sabia o que fazer com ela. Então ele saiu por aí proclamando a falta de sentido da vida que ele tinha criado sem o vazio da vida na riqueza. Não diria que era você se não pudesse desejá-lo. E, uma vez, quando perguntei se você sabia quem eu era, você respondeu que não estava interessado. Ofereci minha amizade, mas você recusou e disse: “Caia fora!” Mas não tomei isso como ofensa ou guardei ressentimento. Então eu vou te dar essa dica. Siga os rastros.
O DESCONHECIDO (Esquivando-se)
- Não, você não vai me fazer de bobo novamente.
O MENDIGO
- Senhor! Você só pensa mal das pessoas. Por isso só tem o mal em troca. Tente, uma vez, pensar o bem. Tente.

O DESCONHECIDO
- Tentarei. Mas se me traírem, terei o direito de...
O MENDIGO
- Você nunca tem esse direito.
O DESCONHECIDO (Como para si mesmo)
- Quem lê meus pensamentos secretos, quem revira minha lama, quem me persegue? Por que você me persegue?
O MENDIGO
- Saulo, Saulo, por que me persegues?
(O DESCONHECIDO FAZ UM GESTO DE HORROR E PARTE. OUVE-SE, COMO ANTES, O SOM DA MARCHA FÚNEBRE. A DAMA ENTRA.)
A DAMA
- Viu um cavalheiro passar por aqui?
O MENDIGO
- Vi. Um pobre (**coitado**) passou logo agora, mancando e sozinho.
A DAMA
- O homem por quem procuro não é manco.
O MENDIGO
- Esse não era bem manco. Mas parecia que tinha batido o quadril, e não podia andar direito. Bom, não quero ser desagradável. Procure no lamaçal.
A DAMA
- Onde?
O MENDIGO (Apontando)
- Lá. Está vendo aquele rastro de roda? Ao lado há uma marca profunda de pé.
A DAMA (Olhando)
- É ele. Sim, eles são pesados. Será que vou conseguir alcançá-lo?
O MENDIGO
- Siga os rastros.
A DAMA (Pegando as mãos dele e beijando-as)
- Obrigada, meu amigo (**Sai**)

CENA 3
À BEIRA-MAR

a mesma paisagem de antes, mas no inverno. o mar está azul escuro. no horizonte, nuvens parecem cabeças gigantes. à distância, três mastros sem velas de navios destroçados, como se fossem três cruzes projetadas da água. a mesa e o banco ainda estão sob a arvore, mas sem cadeiras. há neve pelo chão. aqui e ali soam bóias (de mar).
o desconhecido entra pela esquerda, pára e olha o mar po rum momento. sai pela direita, atrás da cabana. a dama entra pela esquerda, parece que segue as pegadas na neve do desconhecido. sai pela direita, pela frente da cabana. o desconhecido volta pela direita, vai para esquerda e encontra as pegadas da dama. para e olha para a direita. a dama entra, corre para abraçá-lo, mas ele se afasta.
A DAMA
- Você está me rejeitando?
O DESCONHECIDO
- Não, mas parece que há alguém entre nós.
A DAMA
- E há. Então, eu te encontrei. Mas ...
O DESCONHECIDO
- Sim. Agora é inverno, como você pode ver.
A DAMA
- E eu sinto uma corrente gelada vindo de você.

O DESCONHECIDO
- Fiquei congelado, lá nas montanhas.
A DAMA
- Será que nunca mais será primavera?
O DESCONHECIDO
- Não para nós. Fomos expulsos do Paraíso e devemos vagar por entre pedras e cardos. E quando nossos pés e mãos estiverem sangrando deveremos esfregar sal nas feridas um do outro. Como o moinho que continuará girando e nunca parará pois o rio nunca vai secar.
A DAMA
- Acho que tem razão.
O DESCONHECIDO
- Mas eu não quero me render ao inevitável. Não quero que nos despedacemos. Vou me oferecer aos deuses como um sacrifício aplacador. Direi: sou o único culpado." Fui eu que a levei a perder seus laços, fui eu que a tentei. Você pode me culpar por tudo, pelo que fizemos e pelas conseqüências...
A DAMA
- Não pode arcar com tudo sozinho
O DESCONHECIDO
- Há momento em que sinto que posso suportar todo o pecado, a dor , a sujeita e a vergonha do mundo. Há momentos em que acredito que meus pecados e crimes são eles mesmos minha punição. Sabe, agora há pouco eu estava com febre e, entre outras coisas – há tantas – sonhei que eu via um crucifixo onde Ele estava. E quando perguntei ao dominicano – havia um dominicano, entre muitos outros – eu lhe perguntei o que aquilo significaria; ele respondeu: "Você não irá deixá-lo sofrer por você; sofrerá você mesmo." É por isso que a humanidade cresceu tão sensível à sua própria agonia.
A DAMA
- E por que nossa consciência se tornou tão pesada, agora que nós devemos suportar o fardo sozinhos.
O DESCONHECIDO
- Você ... chegou até aí também?
A DAMA
- Ainda não. Mas estou nesse caminho.
O DESCONHECIDO
- Ponha sua mão na minha; vamos embora juntos.
A DAMA
- Para onde?
O DESCONHECIDO
- De volta... pelo caminho por onde viemos. Está cansada?
A DAMA
- Não estou mais.
O DESCONHECIDO
- Muitas vezes eu me senti. Mas então, encontrei um estranho mendigo... será que você se lembra dele?...Aquele que diziam que era como eu. Ele me disse que deveria pensar o bem sobre suas intenções. Tentei... só para ver...e...
A DAMA
- Sim?
O DESCONHECIDO
- As coisas melhoraram. Desde então encontrei a força para continuar.
A DAMA
- Vamos continuar juntos.
O DESCONHECIDO (Vira-se para o mar)
- A escuridão está aumentando e as nuvens estão se reunindo.

A DAMA
- Não olhe para as nuvens.
O DESCONHECIDO
- Lá embaixo; o que é aquilo?
A DAMA
- Só um barco naufragado.
O DESCONHECIDO (Murmurando)
- Três cruzes! Que novo Gólgota nos espera?
A DAMA
- Elas são brancas. É bom sinal.
O DESCONHECIDO
- Será que algo bom vai nos acontecer de novo?
A DAMA
- Sim. Mas não já
DESCONHECIDO
- Vamos.

CENA 4
O QUARTO DE HOTEL

como antes. a dama está sentada tricotando ao lado do desconhecido.
A DAMA
- Diga alguma coisa.
O DESCONHECIDO
- Não. Só tive maus pensamentos desde que voltamos aqui.
A DAMA
- Por que nós tivemos de voltar a este quarto horrível?
O DESCONHECIDO
- Não sei. Era a última coisa que queria fazer. Enato comecei a desejar vir até aqui... para sofrer.
A DAMA
- E sofreu.
O DESCONHECIDO
- Sim. Não escuto mais nenhuma música, ou tenho visões. Todo dia ouço o moinho ranger, e vejo essa paisagem horrível, que cresce, cresce. E à noite...
A DAMA
- Por que você gritou enquanto dormia?
O DESCONHECIDO
- Tive um sonho...
A DAMA
- Um sonho real?
O DESCONHECIDO
- Aterradoramente real. Agora você está vendo a minha maldição... Tenho de falar disso, e para quem mais contaria além de você? Mas não devo te contar porque tocaria a porta daquele quarto fechado...
A DAMA
- O passado.
O DESCONHECIDO
- Sim
A DAMA (**Com simplicidade**)
- Há sempre alguma coisa trivial nesse quartos lacrados.
O DESCONHECIDO
- Acho que sim

(PAUSA)

A DAMA
- Conte-me.
O DESCONHECIDO
- Receio que devo. Bom, sonhei que vi...seu ex-marido casado com minha ex-mulher. Portanto, meus filhos o tinham como pai...
A DAMA
- Só você poderia imaginar isso.
O DESCONHECIDO
- Espero que você tenha razão. (**Suspira**) Eu o vi maltratá-los. (**Levanta**) Então eu o estrangulei, claro, e ... não, não posso continuar. Mas não terei paz até saber. E para ter paz terei de ir vê-lo, na sua própria casa.
A DAMA
- Chegou a esse ponto?
O DESCONHECIDO
- Sentia-me a ponto disso há muito tempo, e agora não tem jeito. Eu tenho de vê-lo.
A DAMA
- Suponha que ele não queira te ver.
O DESCONHECIDO
- Irei como paciente e lhe contarei sobre minha doença.
A DAMA (**Assustada**)
- Não faça isso.
O DESCONHECIDO
- Eu entendo. Você acha que ele me expulsaria? Bem, tenho de arriscar. Tenho de arriscar tudo... minha liberdade, minha vida, meu bem-estar. Preciso sofrer o suficiente para levar minha alma para a luz do dia; desejo a tortura para restaurar meu sentido de igualdade com a sociedade. Assim não ficarei me sentindo em débito. Portanto, já para cova da serpente, quanto antes melhor.
A DAMA
- Se eu pudesse ir com você...
O DESCONHECIDO
- Você não precisa. Meus sofrimentos serão suficientes para nós dois.
A DAMA
- Se eu pudesse ir com você...
O DESCONHECIDO
- Você não precisa. Meus sofrimentos serão suficientes para nós dois.
A DAMA
- Então eu o chamarei de meu libertador, e a maldição que eu lancei sobre você se transformará num bênção. Viu que é primavera novamente?
O DESCONHECIDO
- Percebi pela rosa de Natal. Estão começando a murchar.
A DAMA
- Mas você não sente que há primavera no ar?
O DESCONHECIDO
- Sim. Acho que o desalento está saindo do meu coração.
A DAMA
- Talvez o ogro seja capaz de curá-lo completamente.
O DESCONHECIDO
- Veremos. Ele não deve ser tão perigoso, afinal.
A DAMA
- Ele não é tão cruel quanto você.

O DESCONHECIDO
- Mas meu sonho! Imagine...
A DAMA
- Se fosse só um sonho! Minha lã acabou, e essa tarefa inútil também. Ficou sujo...
O DESCONHECIDO
- Mas pode ser lavado.
A DAMA
- Ou tingido de uma cor nova.
O DESCONHECIDO
- Rosa-vermelho.
A DAMA
- Nunca!
O DESCONHECIDO
- É como um pergaminho.
A DAMA
- Com nossa saga escrita nele.
O DESCONHECIDO
- Escrita em lama, lágrimas e sangue.
A DAMA
- Nossa saga logo estará acabada. Vá e escreva o último capítulo.
O DESCONHECIDO
- Então nos encontraremos na sétima estação. Onde começamos.

ATO V
CENA 1
NA CASA DO MÉDICO

a mesma cena de antes, exceto pela pilha de madeira que é só metade do que era antes. na varanda há um banco com instrumentos cirúrgicos – facas, serras, fórceps etc. o médico está ocupado, polindo os instrumentos

A IRMÃ (Entra, vindo da varanda)
- Há um paciente chamando você.
O MÉDICO
- Você o conhece
A IRMÃ
- Nunca o vi, mas aqui está o seu cartão.
O MÉDICO (Lê)
- Bem! Isto está indo além de tudo que eu já...!
A IRMÃ
- É ele?
O MÉDICO
- Sim. Eu respeito a coragem, mas um tal descaramento desse acho cinismo. É quase uma provocação. Em todo caso, mande-o entrar.
A IRMÃ
- Está falando sério?
O MÉDICO
- Completamente. mas, se quiser, pode falar com ele; um pouco do sujeito descarado.
A IRMÃ
- Eu já tinha resolvido.
O MÉDICO
- Bom. Você faz o serviço de base e eu acrescento o verniz.
A IRMÃ
- Não tema! Vou dizer a ele tudo o que você não diz por ser muito gentil.

O MÉDICO
- Não se preocupe coma minha bondade. Corra, desse modo eu não vou começar a ser mau. Mas feche as portas!

(A IRMÃ SAI.)

O MÉDICO
- O que você está fazendo com essa caixa de lixo de novo, César**? (O Louco entra**) Diga-me, César: se seu inimigo viesse e colocasse sua cabeça no seus joelhos, o que você faria?

O LOUCO
- Cortaria fora.

O MÉDICO
- Não foi isso que eu te ensinei.

O LOUCO
- Não, você diz que eu deveria empilhar carvão nela. Mas acho que isso é perverso.

O MÉDICO
- Realmente, também acho. É cruel e mais dissimulado. Melhor é uma pequena vingança. Daí ele sente que fez uma reparação e que sua dívida foi quitada.

O LOUCO
- Se você entende dessas coisas mais do que eu, por que me pergunta?

O MÉDICO
- Calado, não estou falando com você. Certo, vou tirar sua cabeça fora. Depois, veremos.

O LOUCO
- Tudo depende de como ele se comporta.

O MÉDICO
- Muito certo. Como ele se comporta! Fora agora.

O DESCONHECIDO (**Entra, vindo da varanda, perturbado mas comum certo ar de resignação**)
- Doutor

O MÉDICO
- Sim.

O DESCONHECIDO
- Sem dúvida, está surpreso de me ver aqui...

O MÉDICO (Sério)
- Desisti de me surpreender muito tempo atrás. Mas vejo que deveria começar de novo.

O DESCONHECIDO
- O senhor consentiria com uma conversa em particular?

O MÉDICO
- Sobre qualquer assunto tido como apropriado entre gente civilizada. Você está doente?

O DESCONHECIDO (Hesitando)
- Estou.

O MÉDICO
- Por que veio me ver?

O DESCONHECIDO
- Deveria adivinhar.

O MÉDICO
- Não tenho vontade. O que você tem?

O DESCONHECIDO (Hesitante)
- Não consigo dormir.

O MÉDICO
- Isso não é uma doença, é um sintoma. Já foi ao médico por causa disso antes?

O DESCONHECIDO
- Eu era paciente num... numa instituição. Tinha febre muito estranha.

O MÉDICO
- Estranha como?

O DESCONHECIDO
- Posso perguntar... Pode-se andar durante um delírio?
O MÉDICO
- Sim, se for um louco. Mas só assim.
(O DESCONHECIDO LEVANTA-SE, MAS, DEPOIS, SENTA-SE NOVAMENTE.)
O MÉDICO
- Qual era o nome do hospital?
O DESCONHECIDO
- O Lar da Boa Esperança.
O MÉDICO
- Não existe um hospital com esse nome.
O DESCONHECIDO
- É um monastério, então?
O MÉDICO
- Não. É um hospício.

(O DESCONHECIDO LEVANTA-SE)

O MÉDICO (O Médico levanta-se e chama)
- Irmã! Feche a porta da frente. E a portinha da estrada (**Para o Desconhecido**) Por favor, sente-se. Tenho de fechar essas portas por causa dos vagabundos. O bairro está cheio deles.
O DESCONHECIDO (**Acalmando-se**)
- Doutor, uma pergunta direta. O senhor acha que eu sou louco?
O MÉDICO
- Nunca se tem uma resposta honesta para essa pergunta, você sabe... ou acredita, se a resposta é sim. Portanto, não importa o que eu diga. Mas se você acha que sua alma está doente, procure um padre.
O DESCONHECIDO
- Não cuidaria disso por um momento?
O MÉDICO
- Não. Não tenho vocação.
O DESCONHECIDO
- Se...
O MÉDICO (Interrompendo)
- Além disso, não tenho tempo. Estou prestes a me casar.
O DESCONHECIDO
- Meu sonho.
O MÉDICO
- Achei que pudesse ajudá-lo saber que me consolei, como se diz... deveria deixá-lo feliz... seria a reação normal... mas estou vendo que seu sofrimento aumentou. Deve haver uma razão. Preciso investigar. Por que o perturba saber que vou me casar com uma viúva?
O DESCONHECIDO
- Com duas crianças?
O MÉDICO
- Um momento. Um momento. Ah! Entendi! Que idéia diabólica. Bem como você. Se há um inferno, você deve ser o encarregado. Sua inventividade para encontrar novos métodos de punição excede minha imaginação mais selvagem... e as pessoas ainda me chamam de ogro.
O DESCONHECIDO
- Mas poderia acontecer.

O MÉDICO (Interrompendo)
- Durante muito tempo eu o odiei, como você talvez saiba, porque você fez algo de imperdoável que destruiu o meu bom nome. Mas, conforme envelheci e me tornei mais sensato, percebi que se o meu castigo era injustificado na época, eu o tinha contudo merecido por outras coisas que tinha feito e não tinham sido descobertas. Seja como for, você era uma criança e tinha consciência suficiente para punir-se, portanto você não precisa se preocupar com isso. Foi por isso que você veio?

O DESCONHECIDO
- Foi.

O MÉDICO
- Então ficará feliz se eu disser: "Vá em paz"? (**O Desconhecido olha-o interrogativamente**) Ou você achou que eu iria expulsá-lo, ou serrá-lo com aqueles instrumentos? Ou matá-lo, talvez? Você disse uma vez: "Por que eles permitem tais infelizes de viver?"(**O Desconhecido olha para o seu relógio**) Você vai ter tempo de pegar o barco.

O DESCONHECIDO
- Aperta a minha mão?

O MÉDICO
- Não, eu não posso fazer isso. Não devo. De todo modo, o que importa se eu o perdoei, se você não tem força para perdoar-se/ há situações onde a única ajuda é desfazer o que foi feito, e neste caso não há ajuda ou esperança.

O DESCONHECIDO
- "A Boa Esperança'".

O MÉDICO
- As coisas não foram assim tão ruim. Você desafiou o Destino, e foi vencido. Não há vergonha numa boa luta. Eu fiz o mesmo, mas, como você pode ver, diminuí a pilha de lenha pela metade. Não quero ter raios caindo na minha casa. Não brinco mais com essas coisas.

O DESCONHECIDO
- Uma estação a mais e minha jornada estará completa.

O MÉDICO
- Nunca, senhor. Adeus.

O DESCONHECIDO
- Adeus.

CENA 2
A ESQUINA

como no primeiro ato. o desconhecido está sentado no banco sob a árvore, desenhando na areia.

A DAMA (Entra)
- O que está fazendo?

O DESCONHECIDO
- Estou desenhando na areia. Ainda.

A DAMA
- Não está ouvindo nenhuma música?

O DESCONHECIDO (**Aponta a igreja**)
- Estou, mas vindo de lá. Há alguém que eu ofendi sem saber.

A DAMA
- Acho que nosso percurso está próximo do fim, já que voltamos aqui.

O DESCONHECIDO
- Onde começamos. Na rua , entre o café e a igreja. E o correio! C-o-r-r-e-i-o... Eu não deixei uma carta registrada, sem retirar?

A DAMA
- Deixou, porque tinha alguma coisa ruim...

O DESCONHECIDO
- Ou uma ordem de pagamento? (**Bate na testa**) Está aqui de novo!

A DAMA
- Abra. E acredite que possa ter alguma coisa boa.
O DESCONHECIDO (Ironicamente)
- Boa?
A DAMA
- Acredite. Tente imaginar.
O DESCONHECIDO (**Vai ao correio**)
- Vou tentar.
(A DAMA ANDA PARA CIMA E PARA BAIXO. O DESCONHECIDO SAI COM A CARTA.)
A DAMA
- Então?
O DESCONHECIDO
- Estou envergonhado. Tinha dinheiro.
A DAMA
- Está vendo. Toda essa miséria, todas essas lágrimas ... à toa.
O DESCONHECIDO
À toa, não. Parece horrível, esse jogo, mas talvez não seja. Eu ofendi o Todo-Poderoso quando suspeitei que Ele...
A DAMA
- Calado! Não tente inverter a culpa.
O DESCONHECIDO
- Não. Foi tudo estupidez minha. Ou maldade. Não queria ser um joguete da vida e me tornei um. Mas os poderes...
A DAMA
- Devolveram o desafio. Vamos embora.
O DESCONHECIDO
- Vamos. Vamos voltar para a s montanhas e nos esconder com nosso desgostos.
A DAMA
- Sim. As montanhas escondem. Mas primeiro preciso acender uma vela para minha abençoada S anta Elizabeth.(**O Desconhecido balança a cabeça desaprovadamente**) Venha.
O DESCONHECIDO
- Bem, eu posso ir com você, mas não vou ficar.
A DAMA
- Você não sabe. Venha. Lá você vai ouvir novas músicas.
O DESCONHECIDO (**Segue-a em direção à porta da Igreja**)
- Talvez.
A DAMA
- Venha.